

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Sofia Ferruzzi Thame

ESCREVER-SE: um estudo fenomenológico existencial do escrever poético

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo
2023

Sofia Ferruzzi Thame

ESCREVER-SE: um estudo fenomenológico existencial do escrever poético

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação da Profa. Dra. Ida Elizabeth Cardinalli.

São Paulo
2023

Banca Examinadora:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Antonio Carlos, por cuidar de seu mundo com delicadeza e inigualável apreço ao poder das palavras. Por me ensinar a olhar além dos muros cotidianos para cultivar a curiosidade. Por me fazer eternamente saudosa, tão especial foi e é seu amor “tudo e meio”.

À minha mãe, Nancy, pelo exemplo de coragem e encanto pelo viver. Por incentivar a possibilidade do reinventar-se incessante e me deixar fazer parte de sua procura, sempre renovada, pelo que lhe faz brilhar os olhos.

Aos meus irmãos, Natália e Gustavo, por acolherem a minha chegada com tanto amor. Por me permitirem a sensibilidade exacerbada e a infância cuidada.

Ao Daniel, por tudo. Por ser tão bom na tarefa de ser quem é. Pelas mãos sempre nas minhas e pela ambição das mais corajosas: a de cuidar do mundo, deixando mundo ser o que mundo é a cada instante – e basta.

Aos meus padrinhos, Franklin e Ivana, pelo colo, pela escuta, pela delicadeza e por sonharem junto a mim.

À Gabriela, por mudar tudo com seu amor. Por ser uma pequena artesã da sensibilidade que faz dançar qualquer atento.

À minha orientadora, Ida Cardinalli, pela confiança, paciência e por compartilhar seu vasto conhecimento com a gentileza de uma verdadeira professora.

À CAPES, pelo apoio ao conceder a bolsa de mestrado, incentivando o questionamento necessário para que mantenhamos a esperança.

À PUC-SP, por ser morada de longo prazo e por tudo e todos que a mantêm em pé.

À Patrícia, por acreditar no caminho.

Aos meus amigos e família, pelo sentido do caminhar.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.
(BONDÍA, 2002, p. 21).

THAME, Sofia Ferruzzi. **ESCREVER-SE**: um estudo fenomenológico existencial do escrever poético. Orientadora: Profa. Dra. Ida Elizabeth Cardinalli. 2023. 87 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal explicitar o escrever poético e compreender como se dá o seu potencial terapêutico. Os objetivos específicos da dissertação são: 1. apresentar, brevemente, a história da escrita. 2. descrever a forma como vem sendo pensada a relação da escrita com a Psicologia; 3. apresentar os principais elementos do pensamento de Martin Heidegger que possibilitam esclarecer as ideias de linguagem poética e potencial terapêutico; 4. explicitar os sentidos da experiência do escrever em quem escreve; 5. refletir sobre o caráter terapêutico da escrita. Tendo em vista essas questões, utilizamos como referencial teórico da pesquisa o pensamento fenomenológico hermenêutico-existencial, considerando que tal abordagem permite a compreensão do existir em sua totalidade ao designá-lo como ser-aí e ser-no-mundo em um contexto significativo e temporal. O transcorrer da dissertação aponta que a escrita poética representa um modo de relação com a linguagem distinto do modo característico da era da técnica, de modo a não a dominar ou a compreender instrumentalmente, e sim como um desvelar da verdade própria das coisas. Dessa forma, a escrita poética pode ser terapêutica ao favorecer o desvelamento de possibilidades pertinentes a quem escreve, proporcionando a aproximação de modos mais livres de realizar o próprio existir. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: clínica psicológica; escrita; fenomenologia; poética; Heidegger.

THAME, Sofia Ferruzzi. **WRITING ONESELF**: an existential phenomenological study of poetic writing. Advisor: Prof. Dr. Ida Elizabeth Cardinalli. 2023. 87 p. Dissertation (Masters in clinical Psychology) – Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2023.

ABSTRACT

This work aims to elucidate poetic writing and comprehend its therapeutic potential. The specific objectives of the dissertation are: 1. briefly present the history of writing; 2. describe how the relationship between writing and Psychology has been conceptualized; 3. present the main elements of Martin Heidegger's phenomenological approach, which helps clarify the ideas of poetic language and therapeutic potential; 4. explicit the meanings of the writing experience for those who write; 5. reflect on the therapeutic character of writing. For the understanding of this phenomenon, the research adopts the hermeneutic-existential phenomenological approach as the theoretical framework. This approach allows for a comprehensive understanding of existence, designating it as "being-there" and "being-in-the-world" within a meaningful and temporal context. Throughout the dissertation, it is shown that poetic writing represents a distinct mode of relating to language, one that does not seek to dominate or instrumentally comprehend it as it is done in the age of technique, but rather unveils the truth of things. As a result, poetic writing can be therapeutic as it facilitates the revelation of pertinent possibilities for the writer, enabling a closer connection to freer ways of experiencing one's own existence. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Keywords: psychological clinic; writing; phenomenology; poetic; Heidegger.

Ser artista significa: não calcular nem contar; amadurecer como uma árvore que não apressa a sua seiva e permanece confiante durante as tempestades da primavera, sem o temor de que o verão não possa vir depois. Ele vem apesar de tudo. Mas só chega para os pacientes, para os que estão ali como se a eternidade se encontrasse diante deles, com toda a amplitude e a serenidade, sem preocupação alguma (RILKE, 2020, p. 36).

Ao meu pai e seu zelo pelas palavras. (*in memoriam*)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	MÉTODO.....	17
2.1	Considerações metodológicas.....	17
2.2	Caminhos.....	18
3	A QUESTÃO DA ESCRITA.....	20
3.1	Breve história da escrita.....	20
3.2	Escrita e Psicologia.....	24
4	A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL.....	34
4.1	Noções heideggerianas.....	34
4.2	O artesanal no mundo da técnica.....	38
5	A LINGUAGEM POÉTICA.....	44
6	O TERAPÊUTICO.....	49
7	DESDOBRAMENTOS DO ESCREVER POÉTICO	54
7.1	O escrever em quem escreve.....	54
7.2	O escrever terapêutico.....	67
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
	REFERÊNCIAS.....	78

1. INTRODUÇÃO

A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta.

Fernando Pessoa

Minha estima quanto ao tema deste trabalho surgiu nos últimos anos a partir da minha experiência com a escrita. Se em minha trajetória acadêmica dispus do ler e escrever como os mais próximos e espontâneos processos para descoberta, no âmbito pessoal, o escrever habitou espaço ainda maior: sentar-me com papel e caneta sempre excedeu o campo de experiência de acolhimento para tornar-se a necessidade de brincar com palavras como uma criança brinca de descobrir o mundo. Tornou-se modo de fazer-me gente.

Nos últimos anos, atravessados por pandemia, luto e os desafios da recém-chegada adultez, fui tocada pela escrita de modo visceral: as inquietações, escritas, não se aquietavam; mas, de alguma forma, eram colocadas em um lugar-outro. Que lugar seria este, afinal?

À época, escrevi:

Escrever é almar palavras,
carregar-se para si
é dar às gentes chance de ver
quantos eus moram em outro sentir

Em meio aos desencontros na busca pelos meus outros eus, percebi como tal jornada reverberava junto aos que se debruçavam sobre minhas linhas-paridas. Tentando tocar algo em mim que não bem entendia, descobri a reverberação de minha escrita em leitores e a deles em mim, criando um pertencimento mútuo que se aninhava em refúgio das angústias difusas, mas também tangíveis, que a realidade nos infligia.

Ao perceber o quanto a escrita poderia representar novos contornos e organizações, passei a pensar em sua relevância no âmbito da Psicologia. Em minha experiência clínica, percebi a demanda crescente de pacientes levando seus escritos às sessões e me intriguei ao saber que isso também estava ocorrendo no trabalho

clínico de colegas de profissão. Passei a refletir quanto à viabilidade de novas formas de atendimento clínico, capazes de dialogar com outras áreas do conhecimento, já que acredito ser por meio desse constante reinventar que se concretiza a ampliação do alcance e das possibilidades em psicoterapia. Decidi, então, pesquisar e explorar o tema da escrita em seu caráter terapêutico.

Em sua sabedoria, Marguerite Duras afirma: “Se soubéssemos alguma coisa daquilo que vamos escrever antes de fazê-lo, antes de escrever, nunca escreveríamos. Não valeria a pena.” (DURAS, 2021, p. 64). Acredito nisso também sobre escritas acadêmicas, por mais que tentemos nos convencer do contrário. O caminho do escrever, assim como o caminho do existir, é descoberta contínua sobre o mundo, sobre o outro, sobre si – se é que podemos assim artificialmente separar o descobrir.

Acredito que pesquisas relacionadas ao tema são relevantes por propiciarem a constituição de novos olhares sobre os processos terapêuticos, promovendo, ainda, interlocuções com outras áreas do saber. É a natureza de constante transformação da Psicologia e sua necessária adaptação a novas configurações culturais e sociais que, por meio de debates e reflexões, faz com que a área esteja ganhando cada vez mais espaço.

O uso da linguagem escrita em prática terapêutica já é tema estudado por alguns autores há anos, e muitos deles indicam efeitos positivos na saúde física e na emocional como resultado da prática. Pennebaker e Beall (1986), proponentes da chamada Escrita Terapêutica (em inglês, *Expressive Writing*), propõem uma técnica que consiste em o paciente escrever, por 15 minutos, durante quatro dias, sobre algum tema relacionado a experiências angustiantes ou traumáticas. O estudo concluiu que escrever sobre essas experiências resulta em diminuições de problemas de saúde a longo prazo. A técnica também é estudada por Baikie e Wilhelm (2005) que indicam, em seu estudo, que a prática da Escrita Terapêutica pode gerar melhoras significativas na saúde psíquica, física e social dos participantes.

Quanto aos significados que a escrita pode exercer para alguém, autores como Agustini e Grigoletto (2008) elaboram que, por meio da escrita, a pessoa se relaciona com suas faltas e assume a posição de autora, ressignificando e desenvolvendo novos sentidos na malha significativa histórica em que se situa.

A fenomenologia hermenêutica de Heidegger, ao voltar-se para o desvelamento dos sentidos do que se apresenta para *Dasein* (COLPO, 2019), abre novo horizonte para o universo das pesquisas. A partir dessa percepção e considerando que as indagações que levaram a este trabalho partiram do estudo do pensamento de heideggeriano ao longo de anos, percebemos que a abordagem fenomenológico existencial poderia orientar o nosso caminho compreensivo. O que pretendemos desenvolver neste trabalho quando nos referimos à escrita está, desde o início, intimamente relacionado às reflexões heideggerianas.

De acordo com o filósofo, a palavra revela, diz algo; para ele, o “[...] decisivo da linguagem é o significado. [...]. O essencial da linguagem é o dizer, que uma palavra diga algo e não que tenha um som. Que uma palavra mostre algo” (HEIDEGGER, 2009, p. 223). Exploraremos, neste estudo, *como* a escrita pode se colocar como este mostrar-se, como o desvelamento de sentido mediante palavras com função terapêutica de cuidado. Nesse processo, é possível articular a liberdade de ‘poder-ser’ e projetos de ‘vir-a-ser’, também encadeando condições e possibilidades ontológicas – finitude, descontrolo, perdas: “[...] é o sentido que nos aloca na familiaridade do pertencimento ou no estranhamento, no desalojamento de um mundo do qual não mais nos encontramos situados”. (COLPO, 2019, p. 55).

Como desvelamento, acreditamos na possibilidade de que o escrever se torne terapêutico. Mas o que é ‘terapêutico’ para a escrita poder sê-lo? Gosto da definição da clínica como ocasião privilegiada para o apropriar-se de si, como espaço privilegiado de cuidado da própria existência. Escrita é, também, oportunidade, espaço privilegiado.

O tema suscita questões relacionadas às implicações da escrita em quem escreve. Se entendermos o ser-aí com base em sua existência, isto é, com a possibilidade de ser ele mesmo ou não, podemos compreender que o modo mais próprio de ser estaria em um movimento em direção a si, permitindo a aproximação e a apropriação de si mesmo (CARDINALLI, 2015). Podemos, também, levantar a questão do cuidado relacionado ao sentido (rumo) do ser. Colpo (2019) elabora que a revelação do sentido do ser consiste no afinco hermenêutico de acessá-lo por meio de suas manifestações; o sentido é próprio, e o ser humano dele se apropria ao cuidar da própria existência.

Desse modo, o desvelamento dos sentidos da escrita, nesta dissertação, será permeado por elucidações sobre a fenomenologia hermenêutica proposta por Martin Heidegger, com a pretensão de contribuir para o campo da Psicologia Clínica fenomenológica e aprofundar a compreensão dos sentidos do escrever.

Clini (2018, p. 152), ao discutir sobre a presença implicada em uma pesquisa de orientação fenomenológica, aponta que ela vai contra a corrente do que é exigido em pesquisas científicas, até mesmo em pesquisas qualitativas:

Vimos que, se há algo de desconfortável aí, é justamente esse desconforto que devemos cultivar, e talvez assim consigamos não enquadrar o que vem ao nosso encontro em sistemas prévios a esse mesmo encontro. Ou melhor: talvez esse desconforto não seja exatamente algo a ser cultivado, mas, sim, algo que apenas é, se dá, e nosso trabalho seja muito mais não tamponá-lo do que criá-lo.

Dessa forma, ao tomar como tema a escrita, esta pesquisa tem como objetivo principal explicitar o escrever poético e compreender como se dá o seu potencial terapêutico. Considerando esse objetivo central, estão descritos, a seguir, os objetivos específicos da dissertação:

1. apresentar, brevemente, a história da escrita;
2. descrever a forma como vem sendo pensada a relação da escrita com a Psicologia;
3. apresentar os principais elementos teóricos da abordagem fenomenológica de Martin Heidegger que possibilitam esclarecer as ideias de linguagem poética e potencial terapêutico;
4. explicitar o sentido da experiência do escrever em quem escreve;
5. refletir sobre o caráter terapêutico da escrita.

Para que possamos atingir nossos objetivos, o trabalho será realizado em três etapas. Na primeira, a escrita foi o nosso principal tema. Iniciando no terceiro capítulo, buscamos tematizar a questão da escrita de duas formas; no item 3.1, situamos brevemente a sua história a partir de obras que refletem seu surgimento, desenvolvimento e manifestações ao longo dos séculos para, em seguida, no item 3.2, desenvolvermos um levantamento realizado com o intuito de elucidar o modo como vem sendo pensada e trabalhada a escrita no cenário da Psicologia. A revisão

permitiu a identificação de trabalhos que abordam a escrita por diferentes perspectivas, tematizando-a como fenômeno complexo e multidimensional de relevância para a Psicologia. Constatamos que a maior parte dos estudos publicados estão relacionados à cognição, ao processo de aprendizagem e alfabetização – o que não se relaciona com a escrita tematizada pelo enfoque deste trabalho.

Na segunda etapa, no capítulo 4, elucidamos algumas noções filosóficas da ontologia de Martin Heidegger de modo a fundamentar a discussão a ser apresentada e nos permitir esboçar um caminho. Assim, no item 4.1, apresentamos as ideias centrais da obra do filósofo e, no item 4.2, tematizamos o que o autor denomina “técnica” e sobre como podemos compreender um “fazer artesanal” nesse contexto. Tais apresentações nos levaram à reflexão de que a técnica moderna não é apenas um meio para se chegar a determinados fins, mas uma forma de desvelamento histórico do sentido que caracteriza a nossa época, como um modo de produção de verdade que se impõe como horizonte de sentido para o mundo contemporâneo. Essa reflexão, portanto, leva-nos a questionar o papel do fazer artesanal, o “fazer com as mãos”, que se coloca como alternativa ao fazer padronizado e generalizado.

Ainda na segunda etapa da pesquisa, caracterizamos, no capítulo 5, o que compreendemos como linguagem poética no seio da compreensão da fenomenologia existencial. Foi revelado que, para além da concepção de linguagem habitual, a partir do pensamento heideggeriano, podemos compreender a linguagem poética como a que permite que se revele algo do originário da condição humana ao mesmo tempo em que mantém o mistério e a abertura para o que não é dito, diferentemente do caráter da linguagem característica do discurso técnico e instrumentalizado.

No sexto capítulo, também parte da segunda etapa do nosso trabalho, atemo-nos ao que compreendemos como terapêutico. Pudemos refletir que, com o pensamento fenomenológico como plano de fundo, referimo-nos a algo como terapêutico quando há o facilitar da abertura para a compreensão do ser: é terapêutica, então, a ocasião favorável para aproximar-se do próprio existir.

Logo, no sétimo capítulo, começamos a traçar um caminho para pensar no sentido do escrever em quem escreve a partir de trechos de consagrados escritores sobre o escrever: é o início da terceira etapa do nosso trabalho. No item 7.1, permeando a discussão com elucidações fenomenológicas e ilustrando-a com trechos

de obras dos escritores Clarice Lispector, Fernando Pessoa e Conceição Evaristo, pudemos nos aproximar do desvelar de sentidos do escrever a partir de trechos de escritores sobre a própria escrita.

Também na terceira etapa, no item 7.2, relacionamos a escrita poética com o que se pode caracterizar como experiência terapêutica, já que, ao favorecer o desvelamento de possibilidades pertinentes a quem escreve, a escrita proporciona a aproximação de modos mais livres de realizar o próprio existir.

Em nosso último capítulo – as considerações finais –, costuramos as reflexões anteriores com a minha experiência pessoal ao realizar este trabalho, podendo, assim, finalizar a reflexão quanto a como se dá o potencial terapêutico da escrita, tema da pesquisa.

2. MÉTODO

2.1 Considerações metodológicas

Este trabalho busca explicitar o escrever poético e compreender como se dá seu potencial terapêutico. Considerando esse objetivo, o método utilizado será o qualitativo e a fenomenologia de Martin Heidegger será utilizada como movimento metodológico. Como mencionado por Colpo (2019), a pesquisa qualitativa procura expor a teia de relações de sentido que marcam os que estão presentes em determinado enredo; é por meio da captura da diversidade e complexidade do que se denomina experiência terapêutica que será possível compreender o escrever enquanto recurso psicoterapêutico.

A pesquisa partiu do caminho compreensivo orientado pela abordagem fenomenológico existencial, considerando que o método fenomenológico é uma interrogação pelo sentido, pelo ser dos entes. É a partir do pensamento de Martin Heidegger que nasceram as indagações que levam aos objetivos de nosso estudo: ao buscarmos a compreensão dos fenômenos em sua totalidade, também nos debruçamos sobre o desvelamento de seu horizonte histórico e suas tramas de sentido, caminhos escolhidos para refletirmos quanto à escrita neste trabalho.

Heidegger (1987/2009), em *Seminários de Zollikon*, indicou a necessidade do afastamento da noção de método como procedimento, como simples técnica de pesquisa. Método seria, para o autor, o caminho que leva ao fenômeno, e sua proposição de método para as ciências humanas se daria no contexto da explicitação do existir humano enquanto ser-aí e dos existenciais descritos em sua ontologia. Dessa forma, o filósofo se opõe à transposição do método das ciências naturais – tradicionalmente utilizado para o estudo dos fenômenos da natureza – para o estudo dos fenômenos humanos, pois esse método implica em representar o ser humano como mais um objeto da natureza, o que implicaria em objetivação, mensurabilidade e determinação causal (CARDINALLI, 2011). Nesse sentido, faz-se necessária a abordagem dos fenômenos da existência humana de modo particular:

[...] considerando aquilo que é mais específico ao próprio existir do homem e entende que suas explicitações desenvolvidas em *Ser e tempo*, isto é, as características ontológicas do ser-aí, denominadas existenciais, poderão

fornecer fundamentos mais pertinentes que os da ciência natural moderna para a compreensão do existir humano. (CARDINALLI, 2015, p. 254).

Podemos compreender que tais “[...] estruturas ontológicas podem servir de parâmetro para dada pesquisa.” (COLPO, 2019, p. 63). Seguindo esse pressuposto, o tipo de pesquisa que realizaremos não pretende estabelecer verdade única e universal por meio de dados quantitativos, isto é, não há generalização, uma vez que considera o conhecimento relativo e situado a um contexto, a uma época e aos participantes específicos (MARTINS; BICUDO, 1994).

2.2 Caminhos

Para atingir os objetivos aos quais nos propomos, dividimos o método em três etapas.

Na primeira, o escrever foi o nosso principal foco. Para situarmos brevemente a escrita em sua história, partimos de obras que discutem o seu surgimento, o seu desenvolvimento e as suas manifestações ao longo do tempo. Em seguida, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a temática, buscando descrever o modo como vem sendo pensada e trabalhada a escrita no âmbito da Psicologia. A revisão buscou artigos publicados em periódicos, dissertações e teses, por meio de busca digital referente ao período de 2017 a 2022 nas seguintes bases de dados: SciELO, BVS/Bireme e PubMed. Foram utilizadas as palavras-chave “escrita” e “psicologia” e selecionados os trabalhos mais relevantes encontrados sobre o tema para que pudéssemos visualizar o que existe enquanto produção acadêmica a respeito. Em seguida, foi realizada minuciosa seleção a partir destes critérios: a) publicação em revistas de Qualis superior à A3; b) publicação do artigo em Português; c) coesão com o tema.

Em uma segunda etapa, elucidamos noções filosóficas prévias que possam fundamentar o entendimento da discussão a ser aqui apresentada. Para isso, explicitamos a ontologia proposta por Heidegger e, a partir da articulação de trechos do próprio filósofo, de reconhecidos autores estudiosos de sua obra e posterior discussão, caracterizamos as ideias de “técnica”, “linguagem poética” e “terapêutico”.

Na terceira, começamos a traçar um caminho para pensar no sentido do escrever em quem escreve a partir de trechos de escritores sobre a experiência da

escrita. O acesso a esses sentidos ocorreu por meio do exercício hermenêutico, o ofício de interpretar, que não se situa no âmbito de teorias prévias, mas no campo semântico da linguística. Neste, o desvelamento se dá a partir do plano ôntico das escolhas do ser-aí, mas:

[...] se inspira e fundamenta num plano ontológico em que se revela a condição humana diante da sua finitude, vulnerabilidades, perdas entre tantas outras fragilidades e possibilidades em que o ser-aí procura se esquivar ou se aproximar. (COLPO, 2019, p. 12).

A partir do pensamento heideggeriano, tratamos a hermenêutica como exercício reflexivo. Compreender é a maneira de ser do próprio *Dasein*, é parte da condição humana, e a tentativa de interpretar, portanto, é um desvelar de sentidos. Trabalharemos, então, no campo de reflexão constituído por esse desvelamento a partir da linguagem.

Nas considerações finais da dissertação, recuperamos as análises dos capítulos anteriores para aprofundar a reflexão quanto ao potencial terapêutico da escrita poética e a compreensão do sentido do escrever em quem escreve, atravessando conceitos e discussões previamente trabalhados e tecendo-os com minha experiência pessoal ao realizar o presente estudo.

3. A QUESTÃO DA ESCRITA

Este capítulo buscará tematizar a questão da escrita de duas formas. Em um primeiro momento, no item 3.1, situaremos brevemente a sua história a partir de obras que refletem sobre o seu surgimento, o seu desenvolvimento e as suas manifestações ao longo do tempo. Em seguida, no item 3.2, será exposto um levantamento realizado com o intuito de elucidar o modo como vem sendo pensada e trabalhada a escrita no cenário da Psicologia.

3.1 Breve história da escrita

Diferentes autores estabelecem diversos critérios para classificar e ordenar o nascimento da escrita no tempo e espaço. De acordo com o designer tipográfico francês Ladislav Mandel (2006), na obra *Escritas, espelho dos homens e das sociedades*, a escrita teria nascido com a pictografia (figuração em ordem linear de seres e objetos familiares), seguida da ideografia (figuração direta das ideias), chegando, enfim, à fonografia (figuração da palavra falada). Seria justamente a decomposição da língua falada em fonemas ou sons que teria motivado o surgimento do sistema alfabético que se difundiu mundialmente. Entretanto, o autor afirma: “[...] toda vez que a escrita era adaptada às particularidades de uma língua e de uma cultura, refletia a imagem da cultura e da psicologia deste povo”. (MANDEL, 2006, p. 47). Desse modo, ele compreende que a nossa escrita não é feita somente de símbolos fônicos, já que elementos expressivos e emocionais se transformam em uma linguagem que sobrepõe o significado funcional do texto ao serem percebidos pelo leitor (MANDEL, 2006).

O linguista neozelandês Steven Fischer (2009, p. 14) indica que, provavelmente, a definição mais geral que temos, atualmente, para a escrita consistiria em algo como “[...] sequência de símbolos padronizados (caracteres, sinais ou componentes de sinais) designados a reproduzir a fala, o pensamento humano e outras coisas em parte ou integralmente”. No entanto, assume que essa seria uma definição limitada de algo que parece resistir a limitações. Para ele, procurar uma definição inteiramente formal seria como uma armadilha, já que a escrita “[...] tem sido, é e será inúmeras coisas distintas para inúmeros povos distintos em incontáveis épocas diferentes”. (FISCHER, 2009, p. 14). Entre suas diversas manifestações, a

escrita tornou-se “[...] suprema ferramenta do conhecimento humano (ciência), agente cultural da sociedade (literatura), meios de expressão democrática e informação popular (a imprensa) e uma forma de arte em si (caligrafia)”. (FISCHER, 2009, p. 11).

Entre tais manifestações, o professor Martin Puchner (2019), em *O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização*, explora a invenção da escrita com foco na literatura, indicando que a invenção da escrita está intimamente relacionada às narrações orais realizadas pelos seres humanos desde que aprenderam a se comunicar por meio de sons simbólicos e usaram esses sons para contar histórias, com diferentes regras e objetivos.

O autor organiza a história da literatura em etapas: na etapa inicial, pequenos grupos de escribas, sozinhos, dominaram os primeiros sistemas de escrita, podendo controlar textos compilados de contadores de histórias; na segunda etapa, esses textos fundamentais foram contestados por professores carismáticos como Buda, Sócrates e Jesus, que denunciaram a influência de sacerdotes e escribas e cujos seguidores desenvolveram novos estilos de escrita. Em seguida, em uma terceira etapa, surgem autores individuais, auxiliados por inovações que pretendem facilitar o acesso à escrita; a quarta etapa consistiria na era da produção e alfabetização em massa, quando surgem jornais, folhetos e novos textos a partir do uso generalizado do papel e da imprensa (PUCHNER, 2019). Para ele, essas quatro etapas e as histórias e invenções que as possibilitaram, criaram um mundo moldado pela literatura, no qual conversamos, constantemente, com vozes do passado e imaginamos poder quando nos dirigimos aos leitores do futuro.

Pode-se dizer que a literatura nasceu a partir da intersecção entre narração e escrita e que as tecnologias utilizadas para contar e escrever histórias não seguiram um caminho linear, pois a história da literatura consiste em movimentos laterais e até para trás (PUCHNER, 2019). A própria escrita foi inventada pelo menos duas vezes: primeiro, na Mesopotâmia; depois, nas Américas.

Quando inventada na Mesopotâmia, há 5 mil anos, a escrita visava a auxiliar em transações econômicas e políticas. Os escribas a usavam para centralizar o poder nas cidades e controlar o campo: foram os primeiros burocratas (PUCHNER, 2019). Podemos pensar na escrita como ferramenta de poder e controle, uma vez que dominá-la era ter acesso a uma espécie de código-fonte. Em seguida, percebeu-se

que a escrita poderia, também, ser útil para acúmulo de conhecimento, como a materialização de uma memória artificial. As histórias, quando fixadas na argila, poderiam fazer até mesmo línguas antigas persistirem (PUCHNER, 2019), assumindo o papel de preservação não só de línguas mortas, mas da experiência humana. Assim, é possível concluir que a escrita teve como maior consequência permitir o acesso ao passado, criando história: “[...] se objetos e construções antigos nos revelam os costumes de nossos antepassados, as histórias, fixadas e preservadas por escrito, nos dão acesso à vida interior deles”. (PUCHNER, 2019, p. 70).

O primeiro grande romance da literatura universal, conhecido como “Romance de Genji”, foi escrito por uma dama de companhia da corte japonesa por volta do ano 1000. Conhecida como Murasaki Shikibu, que, na verdade, é o nome da protagonista, a escritora criou um mundo literário, desenvolvendo sua história sobre uma jovem aristocrática escondida no interior do país e um príncipe rebaixado à condição de plebeu. Com a sua escrita, a autora proporciona acesso aos pensamentos e aos desejos de seus personagens com complexidade e profundidade. De acordo com Puchner (2019), Murasaki aprendera a compor poemas curtos, mas não estava satisfeita com a poesia e a caligrafia consideradas apropriadas para mulheres da sua posição e queria aprender o sistema de escrita chinês, pois este lhe daria acesso às antigas tradições literárias da China, tradicionalmente reservadas aos homens.

A partir dessa história, podemos pensar na escrita como forma de pertencimento. A autora também registrou seus pensamentos e suas reflexões sob a forma de um diário. A história da literatura mostra que a escrita autobiográfica era, realmente, incomum. Segundo Puchner, a escrita de si foi praticada na corte Heian por mulheres extremamente cultas, reclusas no mundo restrito da corte:

Separadas do lado de fora por paredes, cortinas, biombos e leques, essas mulheres foram lançadas para dentro de si mesmas. [...]. Para Murasaki Shikibu, as duas formas literárias, o romance e o diário, resultaram de um impulso semelhante de nos oferecer um vislumbre da vida interior de seres humanos reais ou imaginários. Com efeito, ela nos deu um segundo diário, este inteiramente poético e, portanto, muito alusivo, composto de poemas pessoais que foram organizados cronologicamente, proporcionando-nos miradas indiretas de sua esquiava autora, como se a espiássemos através de um biombo. (PUCHNER, 2019, p. 151).

O autor também reflete sobre a história da poeta russa Anna Akhmátova que, na década de 1930, sofreu com a proibição de publicações por parte do Estado, que tentava controlar editores e autores. Akhmátova não parou de escrever: memorizava

seus poemas e queimava o papel no qual os havia escrito. Para a escritora, “[...] a poesia era perigosa, mas também necessária: ela lhe possibilitava canalizar a tristeza, o medo e o desespero de um povo inteiro”. (PUCHNER, 2019, p. 320). Ela compôs o poema “Requiem”, sua obra mais famosa, e seus versos tornaram-se o hino da resistência a Stálin.

Aqui, de alguma forma, a escrita aparece como expressão de sentimentos e como denúncia. No século XX, o encarceramento em massa e a literatura convergiram na chamada literatura de testemunho (PUCHNER, 2019). De acordo com Puchner, a característica mais marcante da literatura sempre foi sua capacidade de projetar o discurso no espaço e no tempo.

Também podemos pensar em termos de identidade. Para Mandel (2006), a primeira reivindicação de um povo que quer recobrar a própria liberdade é usar sua língua e sua escrita, seus primeiros sinais de identidade e símbolos de liberdade, uma vez que o sentimento de dependência sociocultural, nacional e patriótico é nutrido por meio da prática de uma língua e de uma escrita que o represente. Conforme Puchner (2019, p. 351), “[...] nações novas precisam de histórias para lhes dizer quem são”, e se escritores que viveram em culturas com longas histórias literárias podiam se basear em obras anteriores para contar a história coletiva de um povo, escritores de novas nações tinham, muitas vezes, pouca literatura fundamental em que se basear e foram obrigados a criar uma para si mesmos.

Observa-se que a escrita, em todas as épocas e no interior de cada cultura, respondeu às funções materiais ou espirituais e, em suas metamorfoses, refletiu a imagem da sociedade dentro do seu dinamismo e o papel específico que lhe era designado, porém, mais do que espelhos ou testemunhos passivos da existência de culturas,

[...] a prática de uma língua e de uma escrita, enquanto atividade, molda os espíritos, desenvolve os mecanismos psicológicos, as sensibilidades e as faculdades particulares, e, desse modo, age sobre o comportamento social e sobre a maneira de assimilar o universo. (MANDEL, 2006, p. 169).

Pode-se afirmar que, atualmente, a escrita é produzida por mais pessoas, publicada e lida de forma mais ampla, como nunca se viu. Têm sido elaborados novos sistemas que transcendem o que chamávamos escrita, e, por isso, vale lembrar: por

ser uma dimensão da condição humana, a escrita muda à medida que a humanidade se transforma (FISCHER, 2009).

Concluindo, o nascimento e a evolução da escrita foram moldados por diversos fatores, desde a necessidade de centralizar o poder e o controle até o desejo de expressar pensamentos e emoções. Os critérios para classificação e ordenação do surgimento da escrita no tempo e no espaço são propostos de maneiras distintas para diferentes autores. No entanto, é claro que a escrita se tornou ferramenta fundamental para o conhecimento humano, a expressão cultural, a comunicação democrática e a criação artística. Em última análise, a escrita criou um mundo moldado pela literatura, em que, constantemente, conversamos com vozes do passado e imaginamos nos dirigir a leitores do futuro. Apesar de suas diferentes formas e propósitos, a escrita continua sendo um meio vital de comunicação e reflexo de diferentes sociedades humanas.

3.2 Escrita e Psicologia

Nesta pesquisa, foi realizada uma breve revisão da literatura de modo a articular artigos que discutissem a escrita em sua relação com a Psicologia. A finalidade desta revisão é obter um panorama do que tem sido produzido nesse contexto para responder à questão: de que modo vem sendo pensada e trabalhada a escrita no cenário da Psicologia?

Utilizando as palavras-chave “escrita” e “psicologia”, foram encontrados, no período de 2017 a 2022: 1.219 artigos na base de dados Bireme; 3 na PubMed; 36 na SciELO.

A leitura dos resumos desses artigos mostrou que, apesar da existência de grande quantidade de trabalhos publicados, a maior parte deles consiste em estudos relacionados à cognição e ao processo de aprendizagem, alfabetização e desenvolvimento da linguagem oral e escrita, principalmente em revistas de Neurociência e Neuropsicologia, o que se distancia do foco de pesquisa deste trabalho.

Em seguida, foi realizada minuciosa seleção, a partir dos critérios: publicação em revistas de Qualis superior à A3, publicação do artigo em Português e coesão com

o tema da pesquisa. Ao finalizar a seleção, havia 17 estudos para compor nossa revisão.

Como mencionado, foram encontrados diversos trabalhos que tratam do processo de alfabetização. Grande parte deles compreende análises relacionadas à aquisição e apropriação do sistema da escrita, não sendo pertinente ao nosso trabalho – exceto um artigo de Martins, Carvalho e Dangió (2018) que, ao buscar situar a alfabetização no contexto da Psicologia Histórico-Cultural, pode contribuir para o início da construção do horizonte do nosso estudo.

Destacando a compreensão dos processos implicados na aquisição da aprendizagem da escrita, o artigo percorre o caminho do que as autoras designam como pré-história da escrita até a chegada da escrita simbólica. Elas mencionam que, apesar da escrita poder ser entendida como instrumento de reprodução da fala, sabe-se o quanto ela é muito mais que isso: trata-se da principal ferramenta do conhecimento e, assim sendo, a apropriação do escrever torna-se uma das condições para que os indivíduos se humanizem e conquistem pertença social efetiva, ainda mais na sociedade moderna (MARTINS; CARVALHO; DANGIÓ, 2018).

Por compreenderem o fenômeno da escrita a partir da Psicologia Histórico-Cultural, as autoras posicionam a capacidade de escrever como dependente de processo mais amplo: o desenvolvimento do psiquismo, que definem como sistema responsável pela formação do reflexo consciente da realidade objetiva. Assim, concluem que, na base desse processo, reside a qualidade da inserção cultural do sujeito, já que a palavra não só seria o mais importante instrumento para as relações humanas, mas, também, um instrumento decisivo para o pensamento.

Outro estudo que se inicia com a exploração da história da escrita é o de Silva e Silva (2017), que reflete quanto ao poder da escrita frente à voz. Os autores apontam que, de modo geral, a escrita teve seu primeiro uso na literatura no registro de canções e histórias, evoluindo para a emulação de uma voz que as contava e, só então, tomando o próprio destino, sem precisar se referir explicitamente ao instante da performance. Os autores defendem que há, quando lemos, a intuição de que a voz de alguém nos fala, e que essa voz toma os sons segundo a vida de cada um – mas, ainda assim, a escrita evoca emoções que ultrapassam o sentido explícito da frase. Então, a voz da escrita seria o que excede o sentido no instante da transmissão: “[...]”

é sobretudo uma outra presença onde a presença de sentido – se não é irrelevante – é sem dúvida menor”. (SILVA; SILVA, 2017, p. 235). A transmissão da experiência por meio da escrita seria, para os autores, um encontro entre a voz criada por aquele que escreveu com a voz que o leitor empresta ao escrito, consistindo na possibilidade de um processo de salvação da voz, porém sem o poder de preservar toda a força performática.

No horizonte da compreensão da escrita enquanto ato político, Oliveira e Silva (2020, p. 1) elaboram uma proposta ético-metodológica de habitar-compôr o campo de pesquisa. As autoras defendem que “[...] ao contar histórias únicas e histórias miúdas do cotidiano, podemos tecer novos mundos, nos quais a pluralidade torna-se mais possível, fugindo de uma forma binária de ser e conhecer”. A escrita, permeada com nossas marcas, abriria espaço para conexões diversas e, em vez de buscar pretensa universalidade ou conhecimento hegemônico, buscaria a produção de saberes situados, possibilitando o multiplicar de histórias e modos de conhecer “[...] não apenas criação de frases, parágrafos e textos bem alinhados, mas antes, na dobra do ato, criaremos corpos e mundos. Uma afirmação forte que, pela força, se faz convite ao pensamento, pois a escrita, também prática científica, desenha fronteiras.” (OLIVEIRA; SILVA, 2020, p. 4).

Dessa forma, as autoras consideram que pesquisa e escrita seriam gestos políticos na medida em que constroem realidades e modulam o mundo, e, nesta conjuntura, as chamadas políticas de escrita seriam os modos de dar relevo às marcas produzidas nesses encontros por meio da produção textual (OLIVEIRA; SILVA, 2020). As pesquisadoras, ao defenderem uma distância do modo hegemônico de constituição de saber (já que estes colaborariam para desautorizar as escritas que permitem passagem para os afetos), indicam o “[...] fazer da própria narrativa, dos relatos e da escrita, ferramentas de batalha que aproximam o texto da experiência sensível, da existência coletiva atual” (OLIVEIRA; SILVA, 2020, p. 6), isso é, deixar de lado a ideia de que é preciso despir-se da capacidade de se afetar e da sensibilidade para favorecer pretensa neutralidade. A escrita, enquanto ato político, seria “[...] um contínuo desfazer-se de si e refazer-se em nós povoados de gente” (OLIVEIRA; SILVA, 2020, p. 6): escrever seria dar passagem à vida.

Também na direção de afrontamento à fórmula de objetividade-neutralidade-universalidade das práticas científicas, Oliveira *et al.* (2019) apresentam um ensaio teórico quanto à experiência de escrita, apontando que escrever, entre privilégios e direitos, talvez seja, muito antes, uma necessidade de registro. Registrar e escrever nossa vida de alguma maneira, utilizando um código que nos ultrapassa, permitiria com que a escrita voasse para além de nós mesmos. As autoras, assim como Oliveira e Silva (2020), defendem que escrever sobre si (e, inevitavelmente, sobre as/os outras/os) teria dimensão política, e tratar das políticas de escrita pode significar enfrentamento da amnésia e dos esquecimentos e apagamentos de muitas histórias. Escritas-denúncias, escritas-poesia, escritas de si,

[...] carregam o ofício de erguerem-se a si mesmas, numa lida diária, labuta de talhar aquilo que lhes vai à cabeça. Rejeitar, até o último instante, os lugares designados forçosamente, não se deixando emudecer. Gritar como se somente os pulmões pudessem salvar. Tecer, costurar as histórias. Debaixo de sol, de chuva, até mesmo de tormenta, a partir de seus próprios desertos. Abrindo caminhos, levantando pontes, deslocando-se sobre elas como quem anda de bicicleta. (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 182).

Com proposta semelhante, o estudo de Zonta e Zanella analisa processos de criação e autoria nas práticas acadêmicas de estudantes de graduação a partir de oficinas de leitura e escrita, defendendo que a prática da escrita produz o escritor subjetivamente ao mobilizar seus pensamentos e afetos:

É a identificação do ler-escrever enquanto apropriação e (re)criação de sentidos que possibilita o reconhecimento do/a leitor-escriptor/a como produto e produtor/a, autor/a e obra da sua cultura, como expressão e fundamento do contexto social e histórico do qual participa. É o que o move a criar e recriar com a escrita. Ademais, por carregarem essas escritas as marcas dessas relações estéticas de seus/suas autores/as, podem vir a provocar também esse tipo de relação em possíveis leitores/as. (ZONTA; ZANELLA, 2021, p. 5).

As autoras defendem o investimento em práticas que favoreçam a reflexão sobre os diferentes usos da linguagem escrita, considerando que se tornam próprias as vozes que compõem os textos estudados quando o conteúdo é “[...] entretecido às condições de existência e suas experiências sociais, encontrando condições para ser apropriado como parte de si e objetivado na produção escrita”. (ZONTA; ZANELLA, 2021, p. 7).

Percebemos que existe demanda por dispositivos que fujam da escrita acadêmica hegemônica. Nesse sentido, diversos artigos trazem a chamada

cartografia como alternativa, como o trabalho de Hernández e Guilhon (2019), que levanta possibilidades e desafios relativos à construção da escrita cartográfica. Eles sustentam que a ação de escrever convidaria a um mergulho no próprio processo da escrita, já que

Sequenciar palavras de modo a construir um enunciado, apresentar uma ideia e suas afetações ou simplesmente construir novos territórios para que nossos pensamentos e emoções vagueiem são ações que se mesclam, se afetam e reinventam o processo de escrita, transformando aquilo que se sabe e apresentando novas formas de saber-fazer ou de fazer-saber. (HERNÁNDEZ; GUILHON, 2019, p. 43).

Neste sentido, a escrita cartográfica teria como elemento fundamental o reportar das suspeitas das próprias certezas cristalizadas e de como elas são desestabilizadas e deslocadas no processo de pesquisa, considerando que a incorporação de trechos de diário de campo em dissertações e teses, por exemplo, possibilitaria trazer à análise os percursos afetivos, políticos e metodológicos da pesquisa de modo significativo (HERNÁNDEZ; GUILHON, 2019).

Semelhantemente, o trabalho realizado por Félix-Silva *et al.* (2022) indica a cartografia como modo de fazer pesquisa-intervenção e produzir conhecimento ao versar sobre psicologia da diferença e processos de subjetivação em relações raciais. Para compor a cartografia, os autores apontam ter mapeado processos de subjetivação nas relações raciais, testemunhado e produzido lugar de fala, conhecido experiências e caracterizado implicações ético-políticas.

É também a partir da compreensão da cartografia como perspectiva capaz de costurar posicionamentos ético, político e metodológico no campo da pesquisa que se dá o artigo de D'Angelo *et al.* (2018), que trata de performatividades de gênero em unidades prisionais femininas. As autoras apontam a importância da possibilidade de um método que dê abertura à experiência, fazendo da pesquisa de campo uma tentativa de acompanhar processos, mais do que produzir verdades estáveis e absolutas. Para isso, cartas foram utilizadas como um dos dispositivos de escrita de personagens participantes da pesquisa.

Outro trabalho que utilizou cartas para compor seu método foi o de Yusuf e Torossian (2020). Com o objetivo de dialogar com a Saúde Mental de Moçambique, as autoras questionam as reformulações teóricas necessárias para a inserção de novos dispositivos clínicos no país que incluíssem o saber tradicional e relatam que o

exercício de escrever cartas, por ter caráter pessoal, permitiu a expressão de forma mais clara e genuína acerca da própria cultura em seu trabalho.

Também é por meio de correspondências que se desdobra o artigo de Xavier e Martins (2022), que compreende cartas entre as autoras ao longo do início da pandemia, tendo por eixo norteador o tema das análises on-line. O artigo aponta que a investigação de um problema teórico pela via da correspondência não é novidade metodológica na história do movimento psicanalítico, mencionando, assim como Yusuf e Torossian (2020), as cartas de Freud a Fliess e as trocadas por Jung e Ferenczi com Freud, colocando-as como arquivos históricos cujos efeitos posteriores de ordenação da teoria, atravessaram o século como testemunhos de que ali, houve um trabalho:

[...] algo permanece, desde Freud, como um registro impossível de ser apagado: as correspondências nos remetem a uma modalidade de elaboração teórica que jamais dispensará o afeto, impossível de ser subjetivamente esvaziada. No cuidado da leitura, na delicadeza das respostas, as cartas (freudianas, nossas e de outros) conservam a dimensão corpórea da escrita, pulsional, viva, seja em letra cursiva ou nas formatações do Word. (XAVIER; MARTINS, 2022, p. 2).

Para as autoras do artigo, o dispositivo da correspondência possibilitou elaboração leve, afetuosa e desinstitucionalizada, oposta à cobrança academicista, possibilitando elaborações reflexivas e “[...] fazendo avançar determinados problemas como no compasso de uma dança.” (XAVIER; MARTINS, 2022, p. 8).

No contexto da demanda por novos dispositivos, também é por meio de cartas e poemas produzidos ao longo do próprio movimento de construção da sua dissertação de mestrado em Psicologia que Folly (2020) elabora seu artigo, narrando, de modo bastante pessoal, a forma como vê a potência do escrever. A autora compreende que o corpo escreve e se inscreve por meio das palavras, e que esse corpo habita o mundo, um mundo, ou talvez alguns mundos repletos de especificidades. Assim, aposta na prática de tecer cartas pela possibilidade de conexão e comunicação e defende a escrita como ferramenta de cuidado consigo e cuidado com o outro, com o meio, com as memórias.

Ao narrar a história da sua relação com a escrita, afirma: “Palavrear a experiência começou então a ser uma forma de dar sentidos a ela.” (FOLLY, 2020, p. 4). O artigo também se aproxima do pensamento da escritora Conceição Evaristo, com quem a autora aponta ter aprendido que ficção e realidade se misturam, que “[...]”

escrever e viver se articulam e ficcionam-se mutuamente, são importantes germens na plantação da vida, na fabulação de novas possibilidades de existência”. (FOLLY, 2020, p. 8).

Esse não foi o único artigo atravessado por menções à Conceição Evaristo que encontramos. Um artigo de Cardoso e Coimbra (2019) busca, a partir de epistemologias ribeirinhas, negras e indígenas, problematizar práticas ditas de cuidados, na área da Psicologia, que têm se aliado a lógicas que denominam repressoras, controladoras e punitivas. Nesse contexto, apresentam a noção de “escrevivência” de Evaristo como “[...] uma escrita que faz acordar os senhores da casa-grande dos seus sonhos injustos (e não para niná-los), que aponta para a história, para as condições de vida a que foram empurrados determinados povos”. (CARDOSO; COIMBRA, 2019, p. 189).

As autoras falam da importância do incentivo às escrevivências, colocando-as como parte de processos de ruptura com “[...] crenças racistas de que certas populações são incapazes de pensar, de criar e de autorizar o texto da própria vida por meio da escrita”. (CARDOSO; COIMBRA, 2019, p. 192) e relatam que tomar a escrevivência como ferramenta foi libertador.

Nessa breve revisão, encontramos trabalhos que, ao citar a escrita, perpassam o tema da loucura. O artigo de Franceschini e Fonseca (2017), por exemplo, problematiza arte e loucura ao compor reflexões relacionadas a um ateliê de escrita. As autoras refletem sobre o porquê de escrevermos: para evitar o esquecimento frente aos outros ou para não nos esquecermos de nós mesmos? Partindo de reflexões sobre o ateliê, atribuem à escrita a possibilidade de revelar outras histórias possíveis, excedendo o passado em direção a um futuro impensável.

A oficina de escrita do ateliê poderia contribuir para fazer da vida poesia ou obra de arte, para a invenção de um lugar outro, inclusive podendo, a partir dessa linguagem que surge, abrir-se à produção de uma nova história da loucura. De acordo com as autoras, o fazer da vida poesia ou obra de arte pode ser um apropriar-se do mundo e, no ateliê, “[...] dar-se conta da intensidade de descobrir o irrecuperável da escrita no tempo presente, como aquilo que se quer escrever e aquilo que se consegue escrever”. (FRANCESCHINI; FONSECA, 2017, p. 20).

Já o trabalho de Tavares *et al.* (2021) trata da interlocução do escrever com a loucura ao visitar textos de diversos autores acerca da internação psiquiátrica para abordar as relações entre corpo, escrita e política em torno da lógica manicomial e suas dissidências. Ao final do trabalho, os autores elaboram a forma como a linguagem poética e a criação ficcional podem funcionar como potentes estratégias antimanicomiais de resistência, aliadas ao papel coletivo e revolucionário da literatura.

Kastrup e Gurgel (2019) também tematizam a literatura, colocando que, no âmbito literário, a escrita e o processo de criação têm sido objetos de investigação em diferentes campos do conhecimento, dentre os quais destacam-se a crítica literária e os saberes da área da Psicologia, os quais foram predominantes, por vezes, abordagens de cunho biográfico e psicologizante. Assim, refletem sobre a postura que busca encontrar, nos textos, reflexos da vida pessoal dos autores, como se fossem fruto de uma “[...] subjetividade pessoal e individualizada”. (KASTRUP; GURGEL, 2019, p. 1002). Segundo as autoras, a subjetividade resulta de um processo coletivo de produção, seja um diário pessoal, seja um artigo acadêmico.

Ao citar diversos escritores, as autoras do artigo buscam alternativas à relação causal entre autor e obra, apontando para o tema da desindividualização do autor: “[...] não devemos pensar a escrita como um processo controlado por um indivíduo, pois ela não é apenas uma expressão de um eu interior, mas um processo que produz subjetividade, que cria modos de ser e estar no mundo”. (KASTRUP; GURGEL, 2019, p. 1002). O escritor, desse modo, seria agente e fruidor, tanto agindo sobre uma matéria quanto abrindo-se ativamente para um encontro com o que é produzido. O artigo conclui que obra e autor são efeitos de um mecanismo que denominam “coemergência”, sendo engendrados de um mesmo processo de criação literária não como simples interacionismo, mas como dois elementos que surgem da mesma prática.

Outros trabalhos encontrados nesta revisão tematizam a escrita de autores conhecidos: o de Laia (2018) em relação ao escrever de Foucault, o de Alves, Braga e Chatelard (2019) em relação à produção do escritor Edward Said.

O artigo de Laia discute o lugar determinante que o escrever passa a ocupar para Foucault, investigando o modo como o escritor “[...] se serve do que escreve para avançar em questões que, voltadas para a filosofia, a política, o saber, não deixam de

se articular também ao que toca seu corpo e sua vida”. (LAIA, 2018, p. 360). Entre outras colocações, Laia indica que a escrita vem para fazer face ao exílio, ao estrangeiro que Foucault passa a habitar com seu corpo e, mais ainda, “[...] para lhe ser um refúgio frente à impossibilidade de falar”. (LAIA, 2018, p. 364).

Alves, Braga e Chatelard (2019) citam a temática do exílio, abordando-a por meio da produção teórica e da obra autobiográfica do crítico literário Edward Said. O trabalho discute a experiência de exílio como reprodução do estado de desamparo originário, que seria estruturante do ser humano, e articula tais noções com o movimento dialético entre solidão e criação para pensar a escrita como “[...] uma saída possível ao estado de desamparo que se atualiza na vida do sujeito”. (ALVES; BRAGA; CHATELARD, 2019, p. 1). Dessa forma, localizam o escrever como uma das formas de elaboração de ausências, perdas, solidão. A escrita seria detentora do poder de criar outras realidades, representando “[...] uma forma de investimento em um tempo outro que não apenas aquele vivido”. (ALVES; BRAGA; CHATELARD, 2019, p. 4).

Assim, ao realizar uma revisão da literatura sobre a relação entre a escrita e a Psicologia para compreender a forma como o escrever tem sido pensado e trabalhado no contexto acadêmico, percebe-se que a maior parte dos estudos publicados está relacionada à cognição, ao processo de aprendizagem, à alfabetização e ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita – o que não se relaciona ao tema deste trabalho.

Apesar disso, a partir da seleção de artigos que condiziam com os critérios predefinidos de qualidade e relevância, a revisão permitiu a identificação de trabalhos que abordam a escrita por diferentes perspectivas. Constatamos que a escrita é um fenômeno complexo que envolve múltiplas dimensões, e seus atravessamentos têm sido tema importante e relevante para a Psicologia, seja na relação entre escrita e cultura, na proposição de novos modelos de escrita acadêmica, na relação com a literatura.

Para finalizar a revisão, gostaríamos de destacar que, ao iniciar esta pesquisa, ainda em um fazer engessado com referenciais de pesquisa acadêmica e pouco habituado com a liberdade da pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica existencial, o passo que nos pareceu mais próximo para começar a tatear o objetivo

proposto foi o de contextualizar a escrita em sua história e realizar uma breve revisão da literatura. Pretendíamos, com essas duas etapas, pincelar um panorama que permitisse criar uma rede de referências com as quais pudéssemos trabalhar.

O que se mostrou, no entanto, foi a tematização de um tipo de escrita que não corresponde à escrita relativa ao nosso objetivo: a escrita poética com potencial terapêutico. A história da escrita-que-busca-algo-comunicar nos diz quase nada sobre a história da poética; as pesquisas sobre a relação da escrita com a Psicologia pouco nos dizem sobre como tem sido vista e trabalhada essa relação – e, ainda assim, aqui se encerram suas contribuições.

Optamos por manter e expor nossas elaborações e achados, neste trabalho, por fazerem parte de um percurso de descoberta: a descoberta do que não faz parte do mundo da escrita poética, que será desenvolvida nos capítulos seguintes.

4. A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Neste capítulo, elucidaremos algumas noções filosóficas prévias de modo a fundamentar a compreensão da discussão a ser apresentada posteriormente. Não pretendemos sintetizar a ontologia proposta por Heidegger, e sim colocar alguma luz em questões trazidas pelo filósofo. Assim, poderemos tê-las como subsídios para situar a compreensão do que dizemos quando, por exemplo, tocamos no conceito de “terapêutico” e refletimos acerca da ideia de “linguagem”.

4.1 Noções heideggerianas

Heidegger (1889-1976), um dos mais relevantes filósofos do século XX, é autor de extensa produção intelectual que coloca como problema fundamental a questão do sentido do ser, questionando-se, ao longo de sua obra, a concepção de ser humano utilizada por abordagens teóricas que equiparam o existir humano aos fenômenos da ciência natural.

Serão contemplados dois momentos da sua obra: 1. os escritos até 1930, referentes à principal produção do filósofo, em sua primeira fase (*Ser e tempo*), quando se direciona sobre o sentido do ser; 2. os escritos após 1930, nos quais realiza uma viragem em seu pensamento, colocando sua atenção no esclarecimento da História do Ser.

O filósofo alemão desenvolve sua explicitação filosófica em *Ser e tempo* (1927/1988, 1927/1989) apresentando uma ontologia fundamental com enfoque no ser do homem, o qual intitula *Dasein* (ser-aí). Heidegger propõe esse termo para indicar o caráter específico da existência humana, indicando que é esse ser-aí quem poderá responder à pergunta sobre o que é Ser (CARDINALLI, 2022). Em seguida, em *Seminários de Zollikon* (1987/2009), elabora suas indicações para a compreensão do existir humano.

De início, ao constatar que seres e objetos não podem ser estudados e compreendidos da mesma forma, Heidegger rompe com os fundamentos das teorias e modelos conceituais mais habituais da Psicologia e da Medicina, caracterizando uma mudança paradigmática do entendimento do homem, do mundo e da relação homem-mundo (CARDINALLI, 2022).

O caminho trilhado por Heidegger rompe com a tradição que o precede, caracterizada por uma concepção do ser como simplesmente dado. Nesse horizonte, o modo de interrogar pressupõe um caráter de imutabilidade do ser, de essência passível de ser encontrada. O filósofo propõe um novo modo de questionamento: o do ser em seu sentido. Dessa forma, a compreensão de *Dasein* do autor é uma busca pela ruptura em relação ao esquema sujeito-objeto predominante na tradição metafísica.

O autor desenvolve a analítica do *Dasein* ao descrever as estruturas fundamentais – denominadas existenciais – que são inerentes à constituição do ser-aí e, ao mesmo tempo, compreendidas como modos em que é possível ser. Trata-se de estruturas de possibilidades relacionadas ao ser-aí humano, e, ao explicitá-las, Heidegger possibilita uma analítica do ser-aí (*Daseinsanalytik*). Isso não se dá pelo uso dos existenciais como categorias de análise, mas como novos horizontes de possibilidades para “[...] situá-los nos contextos ônticos de suas manifestações, quer seja na trama dos enredos ou na prestação de uma obra de arte”. (COLPO, 2019, p. 64). São eles:

[...] a compreensão (*Verstehen*), as disposições afetivas (*Befindlichkeiten*), a compreensão decaída (*Verfallen*), a angústia, o ser-para-morte (*finitude*), o cuidado (*Sorge*), a temporalidade, a culpabilidade, a corporeidade, a espacialidade, a historicidade. (COLPO, 2019, p. 63).

Compreende-se que *Dasein* é junto às coisas por ser ele mesmo essa abertura em que faz parte da composição de seu mundo tudo que se apresenta a ele e é por ele, de algum modo, compreendido. Ao pensar *Dasein* como um ser que, desde sempre, *é-aí-junto-às-coisas*, Heidegger promove uma superação da dicotomia sujeito-objeto: não há ser humano sem mundo, não há mais sujeito visto isoladamente. Assim, a experiência humana ocorre na inter-relação indivíduo-mundo, já que, a partir do pensamento fenomenológico existencial, o mundo não é simples estrutura objetiva ou fenômeno isolado do *Dasein*.

De acordo com Sapienza (2004), a concepção da existência como ser-no-mundo representa significantes modificações de ordem filosófica e epistemológica, já que “[...] a existência é o ‘lugar’, é o ‘aí’ onde há ‘mundo’, e ‘mundo’ já é sempre o ‘aí’ onde a existência é. Existência e ‘mundo’ são cooriginários. Um não é anterior ao outro”. (SAPIENZA, 2004, p. 26). Dessa maneira, quando nos referirmos à ideia de

“mundo”, estamos falando do contexto de relações de familiaridade que está sempre vinculado a uma rede de relações de significação e de sentido (COLPO, 2019).

Assim, compreende-se que, a partir do pensamento heideggeriano, *Dasein* se dá sempre em relação – consigo mesmo, com o mundo e com os demais entes: “[...] o mundo é sempre o mundo com os outros. O mundo da presença é mundo compartilhado”. (HEIDEGGER, 2006, p. 175).

Partimos, então, da compreensão do *Dasein*, ser-aí, como ser-no-mundo, ser-com-aquele que é chamado em suas possibilidades para realizar sua existência mediante o cuidado. Para desenvolver essa ideia, precisamos apontar algumas compreensões: a expressão “ser-no-mundo” aponta, primeiramente, para um fenômeno de unidade, e deve ser entendida como estrutura de realização da existência do ser humano. Já em sua cunhagem,

[...] a expressão “ser-no-mundo” [...] mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade. Deve-se considerar este primeiro achado em seu todo. A impossibilidade de dissolvê-la em elementos, que podem ser posteriormente compostos, não exclui a multiplicidade de momentos estruturais que compõem esta constituição. (HEIDEGGER, 2015, p. 98).

Heidegger (1989, p. 6) ainda afirma que “[...] o sentido fundamental da mobilidade fática da vida é o cuidado”. Sá (2000) destrincha essa ideia ao apontar que se trata de uma proposta de apreensão da totalidade estrutural do *Dasein* na unidade da cotidianidade mediana, imprópria e impessoal e das possibilidades de transformação que sempre lhe pertencem. Essa unidade existencial-ontológica do *Dasein* seria denominada pelo termo cuidado (*Sorge*):

A designação do ser do *Dasein* como “cuidado” é um desenvolvimento integrador da multiplicidade estrutural que a análise fenomenológica do “ser-no-mundo” revela em “Ser e Tempo”. Por não ser nenhuma “substância” ou “ser-simplesmente-dado”, o *Dasein* se dá sempre “no-mundo”, numa estrutura de significância, num contexto de relações. (SÁ, 2000, p. 260).

Heidegger diferencia dois modos fundamentais do cuidado: 1. *Sorge*: a ocupação (*Besorgen*), que se refere à relação do ser-aí junto das coisas – dos entes intramundanos – cujo modo de ser é simplesmente dado; 2. a preocupação (*Fürsorge*), referente à relação do ser-aí com os outros – outros que têm o modo de ser do *Dasein*: “Desse ente o *Dasein* não se ocupa, pois com ele se preocupa.” (HEIDEGGER, 2012, p. 351).

Ser um para o outro, ser um contra o outro, prescindir de outro, passar ao lado do outro, não se importar em nada com o outro são modos possíveis de preocupação-com. E, precisamente os *modi* da deficiência e da indiferença, nomeados por último, são os que caracterizam o cotidiano e mediano ser-um-com-o-outro. (HEIDEGGER, 2012, p. 151).

Quando nos referimos ao cuidado em seu sentido originário, falamos do sentido ontológico, da condição existencial que possibilita o cuidar da própria existência. Para Heidegger, “[...] realiza o ser do ser-aí, ou seja, o sentido primordial de ser-no-mundo”. (COLPO, 2019, p. 56). Dessa forma, não se reduz ao desejo “[...] nem diz respeito a algum tipo específico de atitude psicológica protetora ou negligente em relação aos entes”. (SÁ, 2000, p. 260). Então, não nos referimos a uma situação ôntica de cuidado ou descuidado: na verdade, essas possibilidades fundam-se no cuidado ontológico:

Para apreender melhor este sentido originário do “cuidado”, podemos pensar o *Dasein*, ao invés de “ser-aí”, como “ser-o-aí”, o “aí” enquanto “mundo”, abertura em que se revela o sentido (o ser) dos entes à luz do cuidado. O homem nunca é primeiro o “sujeito” de um lado que se opõe aos “objetos” do outro lado. A essência do homem co-pertence à abertura de sentido do ser na qual um dia pôde vir a ser historicamente a relação “sujeito-objeto”. (SÁ, 2000, p. 260).

Cabe, por fim, determo-nos sobre o contexto a partir do qual Heidegger pensa a linguagem. Para começarmos a delineá-lo, vale ressaltarmos que a abertura, um dos fundamentos do *Dasein*, possui dimensões inter-relacionadas: a disposição afetiva, a compreensão, interpretação e discurso. A disposição afetiva possibilita ao *Dasein*, em sua abertura, o contato com o mundo. Desse modo, *Dasein* vive sempre em alguma disposição afetiva – que já é uma compreensão –, e toda compreensão é afinada em alguma tonalidade afetiva. Borges-Duarte (2015) afirma que, no entremeado implícito ou explícito do discurso, em que a compreensão afetiva chega à palavra é que se configura a existência de cada um. Compreender é, então, abrir possibilidades de significado que entregam ao *Dasein* seu poder-ser.

Pela abertura de possibilidades, compreensão, no horizonte heideggeriano, implica no ampliar de horizontes, no manifestar de uma das inúmeras possibilidades de realização. É importante destacar que,

[...] para Heidegger, o sentido sustenta a compreensibilidade de alguma coisa, e assim, articula a interpretação e o discurso. Na articulação do discurso se estrutura a totalidade significativa, que pode se desdobrar em

significados e, deste modo, o decisivo da linguagem é o significado. (CARDINALLI, 2011, p. 63).

Conforme Loparic (2004), o interesse de Heidegger não seria pela filosofia da linguagem, um modo de tomar a linguagem como objeto de estudo e desenvolver uma teoria. O autor indica que os “[...] seus problemas são com a própria linguagem e, por isso, ele fala da linguagem em vez de filosofar sobre a linguagem”. (LOPARIC, 2004, p. 9).

Após 1930, Heidegger sente necessidade de ampliar a pergunta fundamental que norteia seu pensamento – momento chamado de viragem (*Kehre*) em sua filosofia –, não representando abandono das suas propostas anteriores, mas uma reversão. Após a viragem, ele deslocou a ênfase de sua anterior concepção da existência (*Eksistenz*) – enquanto abertura que se manifesta no comportar-se do ser-aí com o próprio ser – para concebê-la enquanto “ek-sistência” (*Ek-sistenz*): a correspondência para com o aberto do ser enquanto tal (DUARTE, 2005).

Nos escritos de Heidegger pós-viragem, é a existência humana a porta de entrada para o ser, e é este ser que torna possível a abertura para a compreensão da existência humana. Após a viragem, a linguagem é concebida como casa do ser em que habitam os mortais. Compreendê-la dessa forma, “[...] que em si mesma nada tem de linguístico, é pensar a linguagem como aquilo que acontece essencialmente (*west*) na proximidade velada entre homem-ser”. (DUARTE, 2005, p. 144).

4.2 O artesanal no mundo da técnica

*O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia.
Guimarães Rosa, 1994.*

Entre as muitas contribuições que o pensamento heideggeriano traz para a Psicologia, uma das principais é a sua ponderação quanto à essência da técnica moderna. Neste item, apresentaremos, brevemente, a ideia de “era da técnica” para Heidegger a fim de que, neste horizonte, possamos refletir sobre o fazer artesanal ao qual pode pertencer o escrever.

Heidegger, em seu ensaio “A questão da técnica”, busca revelar a essência da técnica moderna a partir da desconstrução da concepção corrente de determinação

instrumental e antropológica da técnica e seus desdobramentos, trazendo a questão do conhecimento de forma distinta da tradicionalmente pensada na época moderna.

De acordo com o filósofo:

Se pensarmos a técnica a partir da palavra grega *téchne* e de seu contexto, técnica significa: ter conhecimentos na produção. *Téchne* designa uma modalidade de saber. Produzir quer dizer: conduzir à sua manifestação, tornar acessível e disponível algo que, antes disso, ainda não estava aí como presente. Este produzir, vale dizer o elemento próprio da técnica, realiza-se de maneira singular, em meio ao ocidente europeu, através do desenvolvimento das modernas ciências matemáticas da natureza. Seu traço básico é o elemento técnico, que pela primeira vez apareceu, em sua forma nova e própria, através da física moderna. Pela técnica moderna é descerrada a energia oculta na natureza, o que se descerra é transformado, o que se transforma é reforçado, o que se reforça é armazenado, o que se armazena é distribuído. As maneiras pelas quais a energia da natureza é assegurada são controladas. O controle, por sua vez, também deve ser assegurado. (HEIDEGGER, 2002, p. 78).

A partir da percepção de que há algo de particular no modo de desvelamento da técnica moderna, que se distancia do modo da *téchne* grega, o filósofo nos convida a perseguir tal particularidade. Como sintetiza Sá (2017), Heidegger contraria as duas postulações principais sobre técnica tomadas como básicas e evidentes: a ideia de que é apenas meio para certos fins e a ideia de que se trata de uma produção de sujeito. A técnica consiste em um modo histórico de produção de verdade que se impõe como horizonte de sentido para o mundo contemporâneo, e, de acordo com o pensamento heideggeriano, diz respeito a um saber-fazer em que a esfera teórica e a esfera prática são indissociáveis:

[...] não se trata na técnica moderna de um saber voluntariamente produzido e utilizado pelo homem, mas de um horizonte histórico de desvelamento de sentido dos entes ao qual o homem moderno co-responde, tanto mais fascinado e impotente, quanto mais alimenta a ilusão de que o produz e controla. (SÁ, 2017, p. 64).

Assim, por mais que, na linguagem corrente, *técnica* signifique um modo de fazer algo, um meio para produzir alguma coisa, no mundo atual, o que aqui chamamos de técnica não consiste em um simples fazer humano, tampouco em uma dimensão entre as tantas outras que compõem nosso mundo (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

Se cada época possui sua estampagem, sua composição (*Ge-stell*), e, como horizonte histórico de desvelamento de sentido podemos pensar a técnica como o que

fundamentalmente caracteriza a nossa época, em que tudo pode ser produzido, tudo visa o que é melhor e mais rápido, tudo é substituível pelo mais novo.

Nesse contexto, cabe refletir sobre a noção de apelo. Chamamos de apelo a solicitação que reúne os seres de uma época, ou seja, a maneira como a época os solicita. O ser humano se compromete com tal apelo e, desafiado e provocado, lida com o que se apresenta de determinada forma a partir de sua época. Esse desafio que enreda o homem tem o poder de levá-lo a recolher-se como disposição para a exploração. O apelo é “[...] um chamado de exploração que reúne o homem a dispor do que se des-encobre como dis-ponibilidade”. (HEIDEGGER, 2002, p. 23). Na era da técnica, o apelo é o da exploração, a que o homem muito bem atende. Segundo Heidegger, “[...] o desencobrimento que rege a técnica moderna é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada”. (HEIDEGGER, 2002, p. 19). Segundo o autor, as marcas fundamentais do desencobrimento explorador são constituídas por controle e segurança (HEIDEGGER, 2002, p. 20).

Na época moderna, o que é compreendido como conhecimento verdadeiro relaciona-se com a questão do método, de modo que se acredita que determinados procedimentos metodológicos possam garantir que, partindo do mesmo ponto e seguindo a mesma trajetória, chega-se, obrigatoriamente, ao mesmo lugar (SÁ, 2017). No entanto, essa forma de pensar não é fruto de uma evolução intelectual do espírito humano, mas parte dependente de um modo histórico de experiência da realidade que só faz sentido e se torna possível com o surgimento da natureza como matéria-prima inesgotavelmente sujeita à intervenção exploratória e ao controle (SÁ, 2017). É justamente esse horizonte histórico de realização do mundo que Heidegger denomina “era da técnica”.

O ser humano, convocado a olhar para a natureza como matéria-prima, como fundo de reserva, é mantido por meio da técnica adequado àquilo que lhe é proposto: “[...] ser aquele que, diante da natureza, diante de tudo o mais que ele encontra, deve extrair dali algo que diga respeito à produção de algo”. (POMPÉIA; SAPIENZA, 2011, p. 125). Assim, tudo gira em torno do quão útil, objetivo e padronizado algo pode ser, visando ao mínimo possível de efeitos colaterais. Só é considerado digno de ser pensado o que é visto como produção ou matéria-prima para produção. Não há

espaço para o mistério, para dimensões encobertas, para a pergunta tão característica das preocupações da história da filosofia: o que é o ser?

Como consequência, mais do que em qualquer outra época, o homem, hoje, é jogado na impessoalidade por ser “todo mundo”; a própria técnica é impessoal, autônoma em relação ao sujeito (POMPÉIA; SAPIENZA, 2011), no sentido de que tudo o que é técnico deve poder ser usado por não importa quem, desde que seja bem apreendido e que leve ao resultado previsto com exatidão, segurança e rapidez.

Como nos apresenta Borges-Duarte (2019), o perfil da técnica é tudo funcionar, em um horizonte onde poder e composição têm protagonismo e impõem destino. O homem, solicitado e já provocado por um poder que se manifesta na essência da técnica, fica encerrado dentro do círculo dessa engrenagem e só por meio da reflexão poderia distanciar-se, libertar-se desse aprisionamento. A tarefa é difícil: “O homem está tão decididamente empenhado na busca do que a com-posição pro-voca explora, que já não a toma, como um apelo, e nem se sente atingido pela exploração.” (HEIDEGGER, 2002, p. 30). Ou seja, o homem não se dá conta do perigo de se tornar nada mais que disponibilidade para a exploração, já que não está em uma relação livre com a técnica para poder corresponder ou não ao seu apelo.

Ao esquecer-se de seu ser e aparecer como disponibilidade, o homem perde a possibilidade de desvelamento, de desencobrimento da verdade. Para Borges-Duarte (2019), quanto menos despertos se encontrarem os humanos para a sutileza de sua época, tanto mais impotentes e próximos do impensado abismo estarão.

Qual o caminho possível? A salvação, para Heidegger, ocorreria por meio do respeito ao mistério e da reflexão quanto à essência da técnica. Em seu posicionamento, “[...] abrindo-nos para a *essência* da técnica, encontramos-nos, de repente, tomados por um apelo de libertação”. (HEIDEGGER, 2002, p. 28).

Assim, o campo dessa possibilidade de desvelamento seria aberto pelo mistério. Clini (2016, p. 166), ao tematizar o mistério, afirma que Heidegger o compreende como inerente a todo acontecer: “[...] está em tudo o que se mostra, e o jeito de compreender a linguagem não poderia se esquivar a ele. [...] Palavra, linguagem, silêncio, quietude e apropriação são emissários do acontecimento clínico”.

Existe, então, a possibilidade de se estabelecer relação mais livre com a técnica, dizendo a ela sim e não simultaneamente: “[...] sim, à sua presença inevitável

em nosso mundo cotidiano, e ao mesmo tempo, não à sua imposição histórica como o modo mais verdadeiro de conhecimento sobre o ser dos entes” (SÁ, 2017, p. 32). Isso é, apesar de entendermos a técnica como um dos modos de produção de verdade e de horizonte de sentido, podemos ampliar esse horizonte, e não nos submetermos às identificações do mundo cotidiano e impessoal; essa tensão entre o sim e o não abre um caminho outro para a hegemonia da técnica: uma brecha, uma fissura, entrelaçada à ideia de serenidade que desenvolveremos a seguir.

No despertar enquanto *Dasein*, o ser humano, em sua plena autenticidade, “[...] descobriria novas possibilidades de ser e poderia, talvez, inaugurar uma nova época da história-destino do ser no mundo humano”. (BORGES-DUARTE, 2019, p.18). Podemos dizer que “[...] o homem só se torna livre num envio, fazendo-se ouvinte e não escravo do destino” (HEIDEGGER, 2002, p. 28), já que a liberdade “[...] é o reino do destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho”. (HEIDEGGER, 2002, p. 28).

Nesse caminho, diante da técnica e entrelaçada à tensão entre o sim e o não que podemos dizer a técnica, Heidegger propõe outro modo de abertura, de disposição, que se denomina *Gelassenheit*. Essa palavra remonta às origens do pensamento alemão, utilizada no início do séc. XIV para aludir a uma postura de suspensão de atitudes voluntaristas, independentemente da intenção, designando impassividade, desapego, serenidade (SÁ, 2017). Para Heidegger, a serenidade é a disposição própria ao pensamento meditativo, ou pensamento do sentido, que o filósofo diferencia do modo de pensar calculante, característico da ciência moderna e, portanto, da era da técnica.

Gelassenheit deriva do verbo *lassen* (deixar), e “[...] Heidegger a explicita como uma disposição em que a alma se coloca igualmente aberta e desapegada em presença de todas as coisas”. (SÁ, 2017, p. 32). A disposição da serenidade representa um modo de ser aberto ao mistério.

Logo, a ideia de serenidade se refere ao modo de disposição por meio do qual somos colocados diante das coisas sem a intervenção do querer, isto é, ao modo como “aguardamos” sem ter qualquer objeto. O aguardar sem nada representar conduz à própria abertura de sentido do ser, à serenidade por meio da qual

experienciamos o pertencimento de nossa essência à abertura, pois trata-se de um aguardar que conduz a esta abertura de sentido do ser.

Deixar que as coisas apareçam com seus significados, permitir que seus sentidos se articulem nos remete a um trabalho artesanal – um ofício realizado pelas mãos. Para Sapienza, (2004) essa metáfora vale pelo que as mãos humanas podem simbolizar:

[...] mãos podem agredir, afastar, mas também são elas que aproximam o que queremos ver de perto; mãos seguram o que está prestes a cair; mãos aconchegam, desfazem nós e fazem laços; mãos mostram uma direção; mãos detêm a afobação da pressa e dão aquele “empurrãozinho”, às vezes necessário; mãos pensam feridas. (SAPIENZA, 2004, p. 19)

Se consideramos terapêutico o que facilita a abertura para a compreensão do ser, poderemos pensar na escrita como uma das manifestações de um terapêutico artesanal, marcando uma diferença do que é padronizado, generalizado? Acreditamos que sim.

Quando nos referimos ao artesanal, referenciamos o trabalho manual que não pertence à produção em série, à pretensão de eficiência característica da técnica. No artesanal, valoriza-se o que é único de cada fazer, o que é humano, singular, inédito a cada vez; pressupõe-se, no fazer de um artesão, lugar para ambiguidade, para as imperfeições, em que o valor da obra está, justamente, no artesão-junto-à-obra.

Na abertura de uma compreensão afinada a uma determinada disposição de ânimo, quem escreve poderá acolher tais elementos do cotidiano neste horizonte poético: “[...] o artista pode trazer à presença este cotidiano que, na maioria das vezes, se mostra velado aos nossos olhos e que permanece inaparente aos homens”. (COLPO, 2019, p. 45).

A reflexão de Heidegger acerca da técnica moderna nos instiga a compreender que ela não é apenas um meio para se chegar a determinados fins, mas uma forma de desvelamento histórico que caracteriza a nossa época. Somos convidados a olhar para a técnica de modo mais abrangente, não apenas como modo de produção de objetos, mas como modo de produção de verdade que se impõe como horizonte de sentido para o mundo contemporâneo. Essa reflexão nos leva a questionar o papel do fazer artesanal, este fazer não padronizado e único, o que nos possibilitará meditar, no próximo capítulo, sobre a linguagem poética.

5. A LINGUAGEM POÉTICA

O poeta não oculta nomes. Ele não conhece os nomes.

Martin Heidegger, 2003.

A partir da discussão desenvolvida anteriormente, pretendemos, neste capítulo, colocarmo-nos diante da ideia de linguagem poética.

Heidegger deteve-se sobre a questão da linguagem durante toda a sua obra, de *Ser e tempo* até suas obras tardias, mas a forma como o fez mudou consideravelmente. De acordo com Duarte, toda a consideração heideggeriana em relação à linguagem

[...] gira em torno de um mesmo eixo, caracterizado pela crítica da linguagem entendida como um instrumento do qual o animal racional dispõe a fim de comunicar informações a seu respeito e sobre o estado de coisas do mundo. Além disso, a linguagem ontologicamente compreendida é pensada sempre a partir da consideração da abertura, seja a abertura (*Erschlossenheit*) propiciada pela apropriação silenciosa de si-mesmo, tal como Heidegger a concebeu em *Ser e Tempo*, seja a abertura (*Offenheit*) pensada como clareira do ser (*Lichtung des Seins*), na qual habitam pensadores e poetas – aqueles cujo dizer revela e mostra o que diz na medida de sua correspondência silenciosa com o ser, segundo os termos empregados por Heidegger na Carta sobre o Humanismo. (DUARTE, 2005, p. 131).

Dessa forma, segundo as considerações de Heidegger,

[...] não é a linguagem que pertence ao homem, mas, antes, é o próprio homem, concebido ontologicamente como o ser para-a-morte resoluto (primeiro Heidegger) ou como o mortal que corresponde à solicitação silenciosa do ser (Heidegger tardio), que pertence à linguagem. (DUARTE, 2005, p. 131)

Pode-se afirmar, então, que a concepção ontológica compreende o ser humano como “sendo” por meio da linguagem, em oposição à ideia comum do humano como o ser que “possui” linguagem. A linguagem passa a ser compreendida não apenas como veículo de transmissão de informações, mas como o modo no qual se manifesta o próprio existir humano. (DUARTE, 2005).

Benedito Nunes, filósofo e escritor brasileiro, afirma que a predisposição à poesia já marca o pensamento heideggeriano desde *Ser e tempo*, mas que a passagem à poesia, de modo a que se efetivasse um diálogo com ela, só se deu na

segunda fase, quando Heidegger abandona a ontologia fundamental e delega papel proeminente às noções de verdade e linguagem:

Na arte, a verdade opera e se transluz; seu ser iguala seu aparecer. E se aí o ser é como aparece e se aparece como é, isso ocorre devido ao caráter lingüístico (sprachlich) dessa operação, ao fato de que a verdade se faz palavra para transluzir ou aparecer. Sem linguagem, não haveria o manifesto, e, por conseguinte, não haveria, também, trânsito do ôntico para o ontológico (NUNES, 2000, p. 112)

Neste sentido, a disposição de serenidade anteriormente explicitada se relaciona com a poesia por seu respeito ao mistério, de forma a revelar algo do originário da condição humana, assinalando um lugar em que, ao se estar em frente ao outro, frente às coisas, frente à cultura, se apoia um pé na revelação e outro no não saber. Dessa forma, a poesia está contraposta ao discurso, que, na era da técnica, decai numa atividade repetitiva. Como consequência,

A linguagem se torna instrumento, ganha a segurança de um meio estabilizado de comunicação, em que as significações, combinadas pelo valor comum das palavras que a *gente* usa, convertem-se na 'moeda corrente da fala'. Nesse estado público da linguagem, que prescreve até a maneira verbal de sentir, de pensar e de agir, a possibilidade originária de abertura do discurso cede lugar à possibilidade inversa de encobrimento do ser-no-mundo (NUNES, 1992, p. 103).

A instrumentalização garante à linguagem uma segurança estabilizada de comunicação, convertendo-se em moeda corrente de fala e, da possibilidade originária de abertura do discurso, acaba cedendo à possibilidade de encobrimento do ser-no-mundo (ZANELLO, 2004, p. 287). Para Heidegger (2012, p. 165):

Nosso habitar está sufocado pela crise habitacional. E mesmo que fosse diferente, o que hoje se entende por habitar está açulado pelo trabalho, revolido pela caça de vantagens e sucesso, enfeitado pelo lazer e descanso organizados. O espaço e o pouco tempo que, no modo atual de habitar, ainda resta para o poético acontece, no melhor dos casos, quando ocupamos das letras, do belo espiritual, veiculados em publicações ou por outros meios comunicacionais. A poesia ou bem é negada como coisa do passado, como suspiro nostálgico, como voo ao irreal e fuga para o idílico, ou então é considerada como uma parte da literatura.

Assim sendo, é em contraponto à linguagem ordinária que se pode situar a linguagem poética. Podemos compreendê-la como forma de uso não-instrumental das palavras, suspendendo a função comunicativa corrente do falar na lida cotidiana (NUNES, 1992). Dessa forma, a linguagem que se apresenta ao homem como poesia,

que o visita e o gera, é linguagem *revel-ação* (SAFRA, 2004), que possibilita a aparição do fenômeno humano.

Nas palavras de Heidegger,

O acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem. Isso só acontece, porém, quando prestamos atenção ao vigor próprio da linguagem. Enquanto essa atenção não se dá, desenfreiam-se palavras, escritos, programas numa avalanche sem fim. O homem se comporta como se ele fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece sendo a senhora do homem. (HEIDEGGER, 2001, p. 126).

Se a estampagem da técnica consiste em uma provocação para que tudo se exponha apenas como matéria-prima, oculta-se a dimensão de um cuidado responsável pelo fazer-vir o ente à presença – que os gregos denominavam *Poíesis*. *Poíesis* é abertura de mundo para produção de sentido:

[...] as coisas que vem à presença por si mesmas, as coisas da natureza (*physis*), e as coisas que vêm à presença pela arte do homem (*téchne*), fazem todas parte do pro-duzir da poíesis (SÁ, 2017, p. 66).

Assim, evidentemente, estamos falando de uma outra relação com a linguagem quando nos referimos à linguagem poética, e não da linguagem cuja função é apenas algo comunicar. Para Heidegger:

É salutar o cuidado com o dizer. Mas esse cuidado é em vão se a linguagem continuar apenas a nos servir como um meio de expressão. Dentre todos os apelos que nos falam e que nós homens podemos a partir de nós mesmos contribuir para se deixar dizer, a linguagem é o mais elevado e sempre o primeiro. (HEIDEGGER, 2001, p. 126).

Cabe assinalar que a linguagem poética aqui tratada não remete, necessariamente, à poesia enquanto gênero literário, mas enquanto “[...] linguagem em toda sua força originária e criadora. [...]”. O ditado poético provoca a vigência da familiaridade que precisamos para ser, e invoca a ausência no mistério e no nada que funda e permeia a nossa existência (CLINI, 2018, p. 169).

Dessa forma, a poesia em sentido estrito, isto é, a poesia gênero literário, pode ser um modo no qual se manifesta o dizer poético, a linguagem poética, mas não é o único.

É importante colocarmos que, na obra tardia de Heidegger, o ser-aí é pensado como o ente extático ao qual corresponde a guarda protetora do aberto da clareira do

ser na qual ele já se encontra lançado. A proteção se dá por meio do “[...] cultivo do pensamento essencial e da linguagem poético-meditativa, não objetificada ou objetificante, não calculadora e não representacional”. (DUARTE, 2005, p. 143).

Em “A origem da obra de arte”, Heidegger questiona a estrutura em que a língua explica a coisa, constituindo-se de sujeito e predicado, e sugere uma estrutura que não implicasse em causa e efeito: a própria coisa como coisa em si, a coisa com seu predicado. Para ele, a poesia não é simples forma de linguagem – na verdade, a linguagem mesma já é poética em sua forma original, e a linguagem poética possibilita colocar a linguagem primeiro (Heidegger, 2016).

Se consideramos que a linguagem é originariamente poética, no que consiste a linguagem cotidiana? Logatti (2010, p. 72) afirma que, no cotidiano,

[...] andamos por estradas nas quais temos a ilusão de segurança, não gostamos de atalhos e estamos muito pouco abertos para encontrar surpresas e arituncs maduros. Mas é preciso olhar atentamente para o que é uma estrada segura. Esta que é conhecida, construída e muito percorrida já foi originariamente um atalho no qual poderíamos encontrar surpresas. O poeta não gosta delas, prefere os riscos e as surpresas. O homem atual gosta tanto delas que até esquece que algum dia já foram atalhos. (LOGATTI, 2010, p. 72)

Assim, a linguagem cotidiana só pode sê-la justamente por ser originariamente poética:

Não dizemos que a poesia é um modo mais elevado da linguagem cotidiana. Dizemos que é a fala cotidiana que consiste num poema desgastado e esquecido, numa estrada que já foi atalho. O poeta vive no risco da linguagem. O homem só pode querer habitar fora do risco da linguagem porque originariamente habita no risco da linguagem, na escuta do aberto do mundo. (LOGATTI, 2010, p. 72)

A partir do pensamento heideggeriano, podemos concluir que, ao suspender a função comunicativa corrente das palavras, a linguagem poética permite que se revele algo do originário da condição humana, ao mesmo tempo em que mantém o mistério e a abertura para o que não é dito: para além das objetificações das ciências das linguagens, o poético permite um acontecer que, em nosso cotidiano, não temos a oportunidade de experienciar devido à hegemonia do discurso técnico e instrumentalizado.

Em tentativa de elaborar as ideias aqui colocadas sobre a linguagem poética, escrevo:

Busco linguagem-devir
A qual, em presença, autoriza os não
Aquele que esconde, dança e mostra
o inacabar-se como pretensão

Poético é o inesgotável
O operar-se em seu próprio ensino
Insinuante, irreduzível:
a promessa do ser como destino

6. O TERAPÊUTICO

Há muito o que se investigar em relação aos sentidos e significâncias do termo *terapêutico*. O que queremos dizer, afinal, quando afirmamos que algo pode ter funções terapêuticas, que a clínica psicológica é uma clínica terapêutica ou que psicólogos trabalham com terapia?

Diversos autores trazem à luz essa reflexão por meio da etimologia. Rezende (2010), aponta a origem de “terapia” no grego *therapeia*, que, por sua vez, origina-se do verbo *therapeúo*: prestar cuidados médicos, tratar. Refere-se a um termo usado em Medicina, relacionado à cura de doenças. Do grego, a palavra passou para o latim; em seguida, para as línguas modernas, adquirindo o sentido mais abrangente de “[...] qualquer meio ou procedimento usado no tratamento dos enfermos”. (REZENDE, 2010, p. 149). Já “terapêutica”, de acordo com o autor, seria uma tradução do grego *therapeutiké*, que, diferente de *therapeia*, seria a arte, a “[...] ciência de escolher as terapias adequadas às diversas doenças” (REZENDE, 2010, p. 149). Os significados atribuídos a essas palavras nos dicionários atuais divergem. Trabalharemos o que entendemos como terapêutico a partir da compreensão da Psicologia fenomenológica existencial.

Robles (2022, p. 124) indica as complicações do uso da palavra “terapia”, inclusive indicando outro significado original para a palavra: a “[...] ação de colocar-se ao lado do outro, junto ao outro, para acompanhá-lo em um processo importante de sua existência”. No entanto, chega ao mesmo ponto de Rezende ao analisar a etimologia da palavra “clínica”, que, do grego *linikós*, passou para o latim *clinicus*, referente àquele que visita, que guarda leito. A palavra se refere, então, a uma concepção do modelo médico de abordagem, enquanto a fenomenologia nos convidaria a um enfoque mais filosófico, com ênfase na investigação da experiência. Seria, então, problemático usarmos a palavra “terapia” como sinônimo de “clínica”, como muito ocorre nos dias de hoje?

Se o terapeuta existencial busca reduzir ao mínimo a ideia de uma posição de saber (e, assim, poder) em relação ao paciente, não cabe pensar em uma clínica como a da Medicina, em que, tradicionalmente, há expectativa de que o médico ou clínico realize uma análise e diagnostique, demarcando um quadro clínico a partir de seu

conhecimento. Se essa imagem não corresponde à do indivíduo que procura um terapeuta existencial, qual corresponderia?

Robles (2022) aponta que a fenomenologia existencial nos convida a exercer uma postura diferente das tradicionais de se entender a terapia. Ao analisar diversas concepções do termo “terapia”, elabora a reflexão de que a terapia de orientação fenomenológica concebe seu significado e trabalho como “[...] um acompanhamento cuidadoso, uma forma específica de participação na experiência do outro”. (ROBLES, 2022, p. 126). De acordo com o autor, o terapeuta existencial-fenomenológico “[...] renuncia a qualquer objetivo de sanar, ensinar, promover maturidade ou facilitar formas de existência mais plenas ou satisfatórias” (ROBLES, 2022, p. 133). Ou seja, o terapeuta existencial-fenomenológico renuncia à ideia de melhorar o paciente ou à ideia de meta estabelecida *a priori* para o processo terapêutico, além de construir com o paciente uma relação cuja qualidade permita que, juntos, explorem a existência inter-relacional do paciente, facilitando uma aproximação à compreensão de seu ser-no-mundo.

Dessa forma, o propósito fundamental do que, neste trabalho, chamamos de terapêutico não está no resultado ou na possibilidade de metas e objetivos e não é algo que possa ser medido por critérios de eficácia ou eficiência: a meta seria o próprio caminho (ROBLES, 2022).

A forma como sabemos que o termo “terapêutico” é frequentemente utilizado (tanto na linguagem cotidiana quanto na que, tradicionalmente, compreendemos como científica) relaciona-se à ideia de restabelecimento da saúde ou do bem-estar de alguém ou de uma comunidade; algo capaz de proporcionar experiências comumente consideradas positivas; aquilo que pode levar à redução do sofrimento. Percebemos, então, que o entendimento mais habitual da palavra terapêutica não corresponde ao da proposição fenomenológica existencial.

Cabe dizer que a fenomenologia não é uma teoria, e sim um modo de se aproximar de um fenômeno, “[...] modo este que se caracteriza, principalmente, por deixar que o fenômeno se mostre tal como se apresenta”. (SAPIENZA, 2004, p. 41). No entanto, o fenômeno só se mostra quando alguém olha para ele e dele se aproxima na busca de compreendê-lo, o que ocorre por meio da sua explicitação na linguagem (SAPIENZA, 2004). Em terapia, o fenômeno em jogo seria a existência do paciente,

que se revela no decorrer das sessões. Atribuímos a isso o caráter terapêutico. Por quê?

Indo além das atribuições epistêmicas da palavra, podemos articular nossa reflexão em direção ao que sempre parece estar, de alguma forma e em suas várias concepções, relacionado ao que se denomina terapêutico: a ideia de cuidado. Cuidado, aqui, não como possível concepção normalizadora e homogeneizante, e sim cuidado da própria existência. Como já mencionamos no item anterior,

[...] o ser-aí habita o mundo cuidando/zelandando, quer seja nos seus modos positivos (conservação/construção/renúncia), quer seja nos seus modos negativos (negligentes, indiferentes e até destrutivos). Com as coisas, o ser-aí se ocupa (*Besorgen*), e, com os outros, o ser-aí se preocupa (*Fursorge*) sendo que o âmbito da preocupação também contempla a possibilidade de uma preocupação libertadora ou de uma preocupação substitutiva, ou seja, ou o ser-aí oportuniza condições para que o outro possa cuidar de si (autonomia) ou ele faz por, substituindo-o na tarefa de poder cuidar de si e de seu poder-ser. (COLPO, 2019, p. 56).

Sapienza (2004, p. 104) reflete sobre o tema ao narrar uma sessão de supervisão, dizendo:

[...] falamos do “cuidado” que consiste em pensar o ser; do “cuidado” como ocupação com as coisas; do “cuidado” que se refere à própria existência; do “cuidado” que, em seu modo privativo, pode ser maltratar o outro; do “cuidado”, enfim, como a estrutura essencial do ser do Dasein [...]: o antecipar-se a si estando já no mundo em meio aos entes que vêm ao seu encontro.

A autora pensa, especificamente, sobre o cuidado terapêutico, exemplificando-o de três diferentes formas e afirmando que o cuidado com alguma coisa, como uma planta,

[...] supõe que ela deva ser plantada no solo adequado, tenha a luminosidade de que precisa, receba água etc. Supõe também precisar interferir, às vezes, naquilo que está prejudicando o seu desenvolvimento: a terra que se torna pobre, as pragas que atacam, o tronco que se entorta, essa interferência significa cuidado, e podemos dizer que tal cuidado é terapêutico para a planta. Mas cuidamos a fim de quê? Cuidamos dela para que ela se torne [...] a planta que está destinada a ser: para que ela dê as peras mais gostosas ou as margaridas mais bonitas. (SAPIENZA, 2004, p. 42).

Em outro exemplo, diz sobre o cuidado de uma criança: se alguém procura oferecer todas as condições para uma boa saúde e para que cresça bem, isso não garante que ela não venha a sofrer por alguma doença ou que não esteja sujeita a algum acidente. Mas, se isso ocorrer,

[...] vai ser preciso interferir; trataremos dela com exercícios especiais, remédios, cirurgia, com tudo enfim que é conhecido como capaz de devolvê-

la a seu rumo de desenvolvimento na direção da plenitude que sonhamos para ela. Esses serão cuidados terapêuticos. (SAPIENZA, 2004, p. 42).

Por último, expõe que alguém pode ter sua mão impedida de desempenhar suas funções essenciais devido a doenças, traumatismos. Nesses casos, um cuidado terapêutico

[...] tentará fazer com que aquela mão se reaproxime de novo daquilo que ela, na condição de mão, deve ser. Trata-se de devolver a ela, o melhor que pudermos, aquilo que é próprio da mão ou, dito de outro modo, trata-se de devolver a mão ao que ela é destinada. (SAPIENZA, 2004, p. 42).

Para autora, qualquer cuidado terapêutico está relacionado com o movimento de devolver, recuperar ou resgatar algo que diz respeito a quem está sendo cuidado e, por algum motivo, foi perdido ou prejudicado; favorecer que aquilo de que se cuida “[...] retorne mais plenamente àquilo [...] ao que é próprio dele”. (SAPIENZA, 2004, p. 42).

Se a terapia se apresenta como um caminho oportuno para a reflexão do próprio modo de ser, já que aquilo de que se busca cuidar é o fenômeno existência, podemos apontar que isso se dá através do favorecer, do permitir que esse fenômeno se revele. Isso se dá pelo que podemos chamar de desocultamento ou desvelamento. O ato de desvelar foi observado por Heidegger como a ideia dos gregos antigos de *aletheia*, ou seja, a verdade: o “a” (*a-létheia*) teria, aqui, sentido de arrancar algo de uma ocultação – *lethe* (COLPO, 2019). Cabe explicitarmos que a verdade *aletheia* não é a verdade em termos de juízos metafísicos de verdadeiro ou falso, de adequação do intelecto ao real; diz respeito ao movimento de desvelamento e velamento: algo se desvela ao mesmo tempo em que algo continua protegido para outras possibilidades de desvelamento, como um mover-se à meia-luz em que tanto aparece e tanto permanece velado.

Nesse contexto, com o pensamento fenomenológico como plano de fundo, referimo-nos a algo como terapêutico quando tratamos de algo que facilita a abertura para a compreensão do ser. Podemos pensar, enfim, que é terapêutica uma ocasião favorável para aproximar-se do próprio existir; falamos de terapêutico quando tocamos no que se refere à ampliação da liberdade: o que possibilita a manifestação, a abertura

e o ganho de campo de liberdade, liberdade de poder deixar-ser do ente – a definição de verdade em Heidegger.

Para sintetizar o que aqui buscamos expressar, escrevi um poema:

Terapêuticas são as pequenas aproximações no caminho à liberdade:
as cotidianas, as fundamentais
e as que seguem para os lados ou para trás

É terapêutico o que toca o cuidado:
o movimento da inexorável e potencialmente deliciosa possibilidade de escolher
Seja em poesia ou em prosa,
poeticamente há de ser

Trata-se do que pode algo sossegar
para, em seguida, inaugurar novos desassossegos
Entre os tantos possíveis e abismos,
a liberdade: o grande almejo

7. DESDOBRAMENTOS DO ESCREVER POÉTICO

Se não escrevo as coisas, elas não encontram seu termo, são apenas vividas.

Annie Ernaux, 2022.

7.1. O escrever em quem escreve

Como vimos anteriormente, os escritos de Heidegger posteriores à década de 1930 tratam da relação entre poesia, verdade, linguagem e arte. Para ele, a poesia estaria acima de todas as artes. Benedito Nunes (1929-2011), filósofo e estudioso de Heidegger, entende que:

Mais diretamente do que qualquer outra arte, a poesia participa, pela palavra, que constitui a sua matéria, do trabalho preliminar e mais primitivo do pensamento, como obra da linguagem. A poesia é o limiar da experiência artística em geral por ser, antes de tudo, o limiar da experiência pensante: um *poiéin*, como um *producere*, ponto de interrupção do ser na linguagem, que acede à palavra, e, portanto, também de interseção da linguagem com pensamento.

É desse ângulo que Heidegger afirma a procedência da poesia sobre qualquer outra arte. A despeito de que todas sejam originariamente poéticas, arquitetura, escultura, música e pintura só se produzem quando já se produziu a clareia pela “poesia primordial” (*Urpoesie*) da linguagem. Os poemas autênticos extrapolam a Literatura, porque estão em correspondência com a poesia primeva que as línguas articulam (NUNES, 1992, p. 261).

Podemos, então, falar deste “especial” do poético. Ele não remete a outro ente determinado, mas para si mesmo: para a abertura e a instauração do mundo como mundo. No pensamento de Heidegger, a obra artística é o lugar da verdade como abertura, e a noção de verdade deixada de lado pelo pensamento metafísico é recuperada – a verdade *aletheia*, a verdade des-velamento. Como dito por Clini (2018, p. 81): “Em contraposição à noção de verdade como certeza e representação, e em busca de um resgate do mistério e da surpresa oriundos de todo acontecer, Heidegger retoma a concepção de *aletheia* como não-encobrimento, desvelamento”.

É esta verdade posta em obra na arte: o acesso em direção ao ente que se é. Assim, ao debruçar-se sobre o acontecimento da verdade na obra de arte, o autor toma a arte como o pôr-se-em-obra-da-verdade. Com isso, toca na ideia de produção de verdade no ser: a *poiesis*.

A obra de arte, à sua maneira, abre inauguralmente o ser do sendo. Na obra acontece esta abertura inaugural, ou seja, o revelar, ou seja, a verdade do sendo. Na obra de arte a verdade do sendo se põe em obra. A arte é o pôr-se-em-obra da verdade (HEIDEGGER, 2017, p. 95).

Heidegger explicita a íntima relação da arte com a verdade, apontando que na obra acontece a abertura inaugural: o revelar, a verdade *aletheia*; isso é, não se trata de produção de verdade ou da obra como conformidade com a ideia de real, e sim da verdade como fonte dessa produção, do movimento entre desvelamento e ocultação. A obra é, então, lugar do acontecimento da verdade, em que a abertura não se dá como da forma habitual, da maneira comum.

Dessa forma, o filósofo compreende a arte como ente privilegiado, como o acontecer da verdade do ente, pois ela é possibilitadora da descoberta do ente em seu caráter originário. Ao mesmo tempo, a arte é compreendida como a própria abertura do ser no combate entre o mundo e a terra. É por isso que possibilita a expressão dos entes que são e como são; assim, a obra de arte se difere de outros entes, ou seja, se difere de meras coisas.

Com isso em vista e tendo a fenomenologia heideggeriana como referencial, indagamos sobre o potencial terapêutico da escrita: qual é o sentido do escrever em quem escreve para que possamos chamá-lo de terapêutico?

Questionar o sentido de algo é compreender o contexto em que um fenômeno se dá e se sustenta. Se compreendemos existência como ser-no-mundo, isso é poder ser atingido, ser tocado o tempo todo por tudo (SAPIENZA, 2004). Só o ser humano, como ser-no-mundo, “[...] existe na compreensão do entrelaçamento de significados que quer dizer ‘mundo’” (SAPIENZA, 2004, p. 24). Um ente que compreende significados se coloca frente ao poder ser diante de um “para que”, um “a fim de que” – o que diz respeito a como o ente se encontra no mundo.

Em produções culturais e literárias, podemos encontrar testemunhos relevantes e emblemáticos do existir humano, já que a existência se revela na relação entre a facticidade e a liberdade humana, como aponta Colpo (2019, p. 12):

É diante daquilo que é dado ao homem (facticidade), das condições que extrapolam o âmbito das nossas escolhas, que o ser-aí se vê compelido a exercer a liberdade de poder-ser, fazendo escolhas, tomando decisões, orientadas por sentidos que lhe são próprios ou impróprios, claros ou obscuros a si-mesmo. Por meio da dramaticidade [...] das dramaturgias reais ou ficcionais, o homem como ‘ser-no-mundo’ se revela.

A partir de trechos de escritores sobre a própria experiência de escrever, buscamos alguma aproximação aos sentidos do escrever para esses autores, isto é, a aproximação de um desvelamento de sentido que marca as produções não por meio de análises críticas ou estéticas, mas por meio do acesso ao modo como essas obras nos tocam: seus sentidos (COLPO, 2019).

Tais produções consistem em um horizonte rico e repleto de sensibilidade para a compreensão da condição humana justamente por possibilitarem o desvelamento para revelação do 'ser' (enquanto abertura compreensiva de determinado ente). São contextos situados, ônticos, nos quais pode ser realizado o exercício hermenêutico de interpretar, revelando ou projetando os sentidos que se encontram na base dos enredos articulados às condições e às possibilidades ontológicas comuns aos seres humanos (COLPO, 2019).

A aproximação do desvelar de sentidos será permeada por elucidações sobre a fenomenologia hermenêutica proposta por Heidegger, e o acesso a esses sentidos ocorrerá por meio do exercício hermenêutico, o ofício de interpretar – situado no campo semântico da linguística. Compreendemos que o sentido orienta não somente as escolhas, mas também como a pessoa vivencia situações específicas da sua vida. Assim, o sentido se revela pela maneira como nos relacionamos conosco, com os outros e com o mundo que vivemos (CARDINALLI, 2011). Sentido consiste, então, na perspectiva a partir da qual pode-se traçar um projeto, tornando algo compreensível; o sentido sustenta a compreensibilidade de alguma coisa, articulando a interpretação e o discurso.

Compreender é a maneira de ser do próprio *Dasein*, e podemos tematizar a interpretação como atividade de desvelamento de sentidos contidos na linguagem:

Interpretar é desenvolver, a partir de um pressuposto e de acordo com uma perspectiva já dada, as possibilidades de compreensão do ser especificado como isso ou como aquilo, antes que o conhecimento teórico, concretizando apenas uma das possibilidades de compreensão, venha traduzir-se em proposições determinadas. (NUNES, 2000, p. 107)

Trabalharemos, então, no campo de reflexão constituído por essa atividade.

Já pudemos refletir sobre a lida cotidiana do ser humano que, em sua lógica calculante característica da técnica dominante, encobre o poético. Trata-se do

movimento oscilatório do *Dasein*, que ora se mantém na claridade da abertura, ora decai para a objetivação alienadora – a linguagem do falatório:

[...] a linguagem de todos e de ninguém; gastas pelo consumo, manejáveis pelo seu valor de troca no mercado das significações estabilizadas que a gente negocia, convertidas na gestualística verbal do falatório, da parolagem, as palavras fecham-nos ao mundo. E só poderá novamente reabri-lo o discurso, se reavivado pelo seu tom, pela disposição que o abre ao mundo e o qualifica de poético. (NUNES, 2000, p. 110).

Duarte (2005, p. 138) elabora essa ideia:

O falatório regula e perfaz nossa escuta, fala e compreensão cotidianas do mundo, de nós mesmos e dos outros com quem convivemos, limitando e obstruindo de maneira autoritária, porém insidiosa, a possibilidade de uma interpretação apropriadora de nossas possibilidades mundanas. A escuta, a comunicação e a compreensão cotidianas fecham, deste modo, o ser do que se escuta, se compreende e se comunica.

O falatório consiste em um falar por falar, em um falar que oculta aquilo de que se fala. Assim como o falatório, a escrita que nada diz que valha a pena dizer se refere à “[...] compreensão mediana que tudo compreende sem nada compreender propriamente, trancando a possibilidades de um dizer, de um escrever, de um ler e de um escutar apropriados, atentos e originais” (DUARTE, 2005 p. 138). Ou seja, não é uma ocultação consciente, e sim um modo privativo da abertura que, “[...] ao mostrar e explicitar, encobre a coisa sobre a qual se fala, a qual jamais é apropriada pelo dizer e escrever que apenas repetem o já dito e já escrito”. (DUARTE, 2005, p. 138), consistindo em abertura no modo do fechamento, da ocultação e do nivelamento.

O discurso poético, diferentemente do cotidiano, mantém a claridade da abertura. Levando esta discussão para o tema do nosso trabalho, a escrita, perguntamos: Como se dá a linguagem poética na escrita? Quando uma escrita pode ser compreendida como poética em termos heideggerianos?

Para ilustrar a discussão, vamos iniciá-la com trechos da escrita de Clarice Lispector (1920-1977). Escritora e jornalista, autora de romances, contos e ensaios, é considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. A autora refletiu muito sobre o próprio escrever ao longo da sua obra, e, por sua qualidade existencial, diversos trechos de seus escritos farão parte da nossa reflexão. O organizador do livro *Crônicas para jovens: de escrita e vida* (2010), Pedro Karp

Vasquez, entende que, para a autora, a escrita não era apenas profissão ou instrumento de autoafirmação, e sim uma forma de entender e estar no mundo.

Podemos pensar que escrever alcança o registro poético quando o seu dizer preserva o mistério, quando nos diz de nosso acontecer enquanto mistério, revelando algo sobre a condição humana. Segundo Clini (2018, p. 120), “O mistério é de onde tudo pode brotar, é aquilo que permite que velamento e desvelamento se deem.”

No livro *Um sopro de vida*, Clarice reflete sobre o mistério do estar no mundo em meio às coisas por meio da personagem Ângela:

Não posso ficar olhando demais um objeto senão ele me deflagra. Mais misteriosa do que a alma é a matéria. Mais enigmática que o pensamento, é a “coisa”. A coisa que está às mãos milagrosamente concreta. Inclusive, a coisa é uma grande prova do espírito. Palavra também é coisa – coisa volátil que eu pego no ar com a boca quando falo. Eu a concretizo. A coisa é a materialização da aérea energia. Eu sou um objeto que o tempo e a energia reuniram no espaço. As leis da física regem meu espírito e reúnem em bloco visível o meu corpo de carne. (LISPECTOR, 1999, p. 104).

Quando nos referimos ao mistério, falamos mais do que o apenas desconhecido no âmbito ôntico: falamos do ocultamento ontológico, do velado. O poeta, ao escrever poeticamente, apela ao mistério que Heidegger denomina estranho ao dizer:

O poeta, quando é poeta, não descreve o mero aparecer do céu e da terra. Na fisionomia do céu, o poeta faz apelo àquilo que no desocultamento se deixa mostrar precisamente como o que se encobre e, na verdade, como o que se encobre. Em tudo o que aparece e se mostra familiar, o poeta faz apelo ao estranho enquanto aquilo a que se destina o que é desconhecido de maneira a continuar sendo o que é – desconhecido. (HEIDEGGER, 2002, p. 177).

Heidegger recorre à obra de Hölderlin (1770-1843), poeta alemão cujos escritos são muito estimados pelo filósofo, pois percebe que ela permite esclarecer o habitar originário em seus versos, entre eles, o (...) poeticamente o homem habita (...). Habitar poeticamente seria o habitar originário por meio da linguagem que traz o ente para a presença. É fazer apelo ao que se mostra por meio do desocultamento.

A obra poética pode recriar a abertura da linguagem para o ser, ressignificando a instrumentalidade cotidianamente conferida às palavras e aos seus sentidos. O poeta reacende a chama do poético na linguagem, devolvendo a ela a própria natureza, o próprio ser.

Fica evidente que estamos falando de uma escrita não mecanizada, que foge dos moldes da técnica: a escrita poética. Quanto à diferença entre escrita poética e escrita do cotidiano, Clarice se questiona:

O que sou neste instante? Sou uma máquina de escrever fazendo ecoar as teclas secas na úmida e escura madrugada. Há muito já não sou gente. Quiseram que eu fosse um objeto. Sou um objeto. Objeto sujo de sangue. Sou um objeto que cria outros objetos e a máquina cria a nós todos. Ela exige. O mecanicismo exige e exige a minha vida. Mas eu não obedeco totalmente: se tenho que ser um objeto, que seja um objeto que grita. Há uma coisa dentro de mim que dói. Ah como dói e como grita pedindo socorro. (LISPECTOR, 1990, p. 91)

Se procedimentos técnicos nos jogam em direção ao conceitual, roubando-nos o indizível e os mistérios do ser, “Este é o homem-coisa e não mais *ser*, não mais *presença*.” (SAFRA, 2004, p. 27).

As condições para lançarmo-nos em direção ao acontecer humano parecem ser características da *poiesis*, o que se explicita na distinção de Pompéia e Sapienza (2011, p. 159) entre explicação e compreensão: “[...] explicação se articula na linguagem do conhecimento e a compreensão acontece dentro de um diálogo na linguagem da *poiesis*”.

A linguagem poética, como explicitamos, mexe com a abertura do ser e o seu velamento e desvelamento. Por isso, podemos considerar o exercício da poesia como um exercício perigoso, já que “[...] o destino do desencobrimento é o perigo em todos e em cada um dos seus modos e, por conseguinte, é sempre e necessariamente perigo”. (HEIDEGGER, 2001, p. 29).

Quanto ao perigoso exercício do escrever poético, Clarice versa:

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio extremamente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no fundo do poço. (LISPECTOR, 1999, p. 3)

Podemos compreender que o perigo está na dança das possibilidades de desvelamento e velamento. Nesse lugar de aproximação da existência no qual consiste o escrever, o perigo, portanto, está em jogo. Por isso, no caminho perigoso

está também a possibilidade de salvação: “Onde algo cresce, é lá que ele deita raízes, é de lá que ele medra e prospera.” (HEIDEGGER, 2002, p. 31).

Podemos também nos questionar: que tipo de escrita pode entrar na categoria de escrita poética que buscamos delinear? Entre tantas características possíveis de escritas que conhecemos – como a escrita fictícia, com personagens e a “estritamente” autobiográfica –, quais são passíveis de serem chamadas de “poéticas” no sentido que viemos trabalhando?

Alejandro Zambra (2014, p. 99), em *Formas de voltar para casa*, escreve:

Sabia pouco, mas pelo menos sabia isto:
 que ninguém fala pelos outros.
 Que, mesmo que queiramos contar histórias alheias,
 terminamos sempre contando nossa própria história.

A categoria pouco importa: a escrita poética é a que recria a abertura da linguagem para o ser. Assim sendo, contar-se é inevitável quando se escreve poeticamente, porque não falamos de um contar-se da própria “subjetividade”, de uma verdade fática de si, relacionada a cada um. Estamos tratando do contar-se relativo ao que é ontológico, relativo ao que é característico da existência como *Dasein*.

É o que buscamos mostrar ao apresentar trechos de Fernando Pessoa (1888-1935) para esta discussão. Nascido em Lisboa, Pessoa é um dos maiores expoentes da poesia da língua portuguesa. Ficou conhecido por seus heterônimos, personalidades fictícias com nomes atribuídos pelo criador, cada qual com características distintas. O escritor criou biografia, personalidade e estilo de escrita para cada um deles, sendo os principais Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Por meio dessas personalidades, escreveu tanto poesia quanto prosa e, em suas obras, buscou expressar sua visão particular do mundo e suas afetações relacionadas à existência. A linguagem poética é administrada de modo extremamente sensível e delicado por Pessoa; sua escrita de significações desassossegadas traz muitas reflexões em relação ao sentido da experiência de escrever. De acordo com o próprio poeta sobre sua relação com a filosofia: “Eu era um poeta impulsionado pela filosofia, não um filósofo dotado de faculdades poéticas.” (PESSOA, 1995, p. 23).

Pessoa, em cada um de seus heterônimos, ao escrever poeticamente, escreve sobre si, é claro. Isso porque não estamos tratando de um falar-de-si de verdades objetivas, e sim sobre um desvelar-se como *Dasein*:

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
(PESSOA, 1960, p. 97)

O poeta pode fingir, pode inventar, pode criar – em linguagem poética, está a trilhar um caminho que pode levar a uma verdade diferente. Nas palavras de Clini (2018, p. 175): “Só podemos lutar contra o modo sonâmbulo e alienado de nós próprios entrando em contato com a nada que também nos constitui.” – por meio do contato genuíno com o poético. Compreendemos que, no escrever, podemos desvelar o aberto no qual existimos de forma única.

Introduzindo mais uma escritora à nossa discussão, podemos ilustrar com mais afinco o que queremos dizer com o “inevitável” contar-se. A escritora Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946, é professora, romancista, contista e poeta. Sua literatura trata da vivência das mulheres negras e reflete sobre as profundas desigualdades raciais brasileiras.

Em sua dissertação de mestrado, Evaristo (1996) desenvolveu um jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se; aí surgiu a palavra “escreviver”. Mais tarde, em *Becos da memória* (2006), pontua o conceito de escrevivência (mencionado anteriormente no item 3.2), nomeando a proposta de escrita que mistura invenção e fato, apontando para uma dupla dimensão: é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta.

Em um colóquio, em 2009, a escritora fala sobre a sua relação com a escrita:

E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento. Inventei, confundi Ponciá Vicêncio nos becos de minha memória. E dos becos de minha memória imaginei, criei. (EVARISTO, 2009, p. 5)

Inventar-se, para a autora, pode ser um “confundir-se”, mas também é um contar-se, um desvelamento de possibilidades que aparecem em si mesmas em um escrever poético:

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente: “O olho do Sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia... (EVARISTO, 2009, p.5)

A autora relaciona a poesia com uma “comoção maior”, com a sensibilidade de enxergar as coisas como elas aparecem, de forma que pouco nos lembra a lida cotidiana. Trata-se de outra relação com as palavras, como evidencia a autora em seu poema “Da calma e do silêncio”:

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.

Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.

Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio da poesia penetra.
(EVARISTO, 2021, p. 21)

Neste escrito, Evaristo evidencia o poder do dizer – e o do silêncio – da poesia: o seu potencial de aproximação ao “âmago das coisas”.

Na escrita poética, a verdade-desvelamento é a verdade em jogo, disponível para o inesperado: “É que a poesia é espanto, admiração, como de um ser tombado dos céus, a tomar plena consciência de sua queda, atônito diante das coisas.” (PESSOA, 1990, p. 20). Heidegger (2002, p. 167), referindo-se à liberdade como capacidade de responder ao que lhe vem ao encontro, afirma: “Quanto mais poético um poeta, mais livre, ou seja, mais aberto e preparado para acolher o inesperado é seu dizer.”

‘Escrever’ existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e por que – é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação. É assim: ? (LISPECTOR, 1999, p. 16)

Dessa forma, escreve-se como resposta ao apelo do inesperado; como um manter-se aberto diante do que chega, ainda que (e, talvez, principalmente que) espante e proporcione desconforto; como um compromisso com o contínuo questionar das coisas. O poeta, então, aproxima-se do existir ao abdicar da separação sujeito-objeto, percebendo a si como ser-no-mundo: “Entro lentamente na escrita assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras - limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer.” (LISPECTOR, 1980, p. 15).

Pessoa (1999, p. 204) escreve:

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior
Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,
E a minha poesia é natural como o levantar-se vento...

Por meio de seu heterônimo Alberto Caeiro, o poeta mostra como o escrever o aproxima de uma naturalidade, não como alguém utilizando-se das palavras para algo comunicar sobre um objeto, mas como o que é característico de um ser-no-mundo, parte da natureza:

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,

Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
 Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
 Mas um animal humano que a natureza produziu.
 E assim escrevo, querendo sentir a natureza, nem sequer como um homem,
 Mas como quem sente a natureza, e mais nada.
 E assim escrevo, ora bem, ora mal,
 Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
 Caindo aqui, levantando-me acolá, [...]
 (2005, p. 72)

O escrever compreende a cada momento escolher e, assim, pode representar o exercício da liberdade de poder-ser no horizonte dos acontecimentos que revelam as condições fáticas do humano. Trata-se de um lidar com as possibilidades de projetos de mundo como uma das realizações do chamado para realizar a própria existência.

Clini (2018, p. 207) compreende que:

Liberdade não é poder ser tudo, não é poder prescindir de leis ou regras, liberdade é colocar-se em marcha, de modo a conduzir o aberto e o fechado ao destino do desencobrimento. Liberdade é responsabilizar-se por [...] gestar em si a parte que lhe cabe da clareira, e por permitir que o encobrimento se dê sem tentar invadi-lo com o pensamento calculador. Liberdade e responsabilidade são fios da mesma trança.

A simples escolha de palavras já é carregada de significados, como aponta Nunes (2000, p. 108):

[...] palavras significam, e assim terá de ser escolhida a significação, que no entanto não está a elas colada como etiqueta de sua identidade, pois que as palavras se desdobram num significante e num significado. Significações já ocorrem na interpretação de nós mesmos e do mundo. E se o Dasein é ser-no-mundo e ser-com-os-outros, o simples manuseio dos úteis já mobiliza significações, como as mobiliza o circuito da convivência.

Cabe dizer que a escolha de palavras não quer dizer algo “nomear” no sentido de atribuir um conteúdo de referência, como se fosse um signo, um saber. Na linguagem poética, não se trata o nomear da tradição metafísica, científica, mas abre-se um outro acesso ao ente: o nomear poético traz o ente à palavra, ao aparecer, o que não consiste no que consideraríamos, comumente, em prover de um nome o que já é previamente conhecido:

A poesia efetua esse retorno sempre renovado. E o poeta é aquele que perfura os mananciais, tomando os vocábulos como palavras dizentes. Seu caminho não vai além das palavras; ele caminha entre elas, de uma a outra, escutando-as e fazendo-as falar. O retorno se opera no intervalo do silêncio, que vai de palavra a palavra, quando o poeta nomeia no discurso dizente. É a nomeação que leva uma coisa a ser coisa. Palavras e coisas nascem juntas. Para retomarmos a trilha de Hölderlin e a essência da poesia, é

nomeando que a poesia funda, “pela palavra e na palavra”, o que permanece. (NUNES, 1992, p. 267).

Trata-se, então, de escolher poética e livremente: não por meio da significação das coisas, mas da realização do chamado, do apelo que é convocado por meio da palavra: “Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: “As coisas não têm significação: têm existência. As coisas são o único sentido oculto das coisas.” (PESSOA, 2006, p. 79).

Neste sentido, podemos pensar que o posicionar-se por meio da escrita poética consiste em um responsabilizar-se pelo modo como se relaciona com as coisas:

Responsabilizar-se pelo modo como nos relacionamos com as coisas, respeitando-as naquilo que são e podem ser e colocando-nos como Dasein e não como sujeitos reinantes, esse é o começo do caminho que pode nos levar a uma verdade diferente sobre as coisas: a verdade própria das coisas. (CLINI, 2018, p. 99).

É este o efeito da escrita poética: desvelar a verdade própria das coisas. Então, também podemos pensar no aspecto possibilitador da escrita. De acordo com Pompeia: “A palavra tem essa condição absolutamente fantástica de fazer existir aquilo que nós percebemos que não existe, mas que através da palavra, vem a existir a seu modo.” (POMPÉIA, 1997, p. 44).

Pessoa escreve que o seu fazer poético se dá como um olhar para as próprias ideias, compreendendo-as ou não:

Quando me sento a escrever versos
 Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
 Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
 Sinto um cajado nas mãos
 E vejo um recorte de mim
 No cimo dum outeiro,
 Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,
 Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho,
 E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
 E quer fingir que compreende.
 (PESSOA, 1995, p. 203)

Aqui, percebemos que não é na compreensão racional que reside o desvelar característico do poético. O escrever poético não parte da compreensão da palavra-lógica, do enrijecer de sentidos, da limitação compreensiva, mas do movimento do imprevisível, da ampliação de possibilidades, do fazer-se existir:

Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que

havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos. (PESSOA, 2006, p. 164).

A infinidade de possibilidades revela-se como característica própria da linguagem poética. Por relacionar-se de forma autêntica com a linguagem, o poeta não a compreende como mero instrumento, como algo que se pode dominar. Nas palavras de Evaristo:

[...] a palavra domínio não verbaliza a minha experiência em nada. Eu diria, por exemplo, que a escrita é uma necessidade de apreensão do mundo, mas o mundo que me escapole. Não diria que a escrita é uma possibilidade de domínio. A palavra domínio, para mim, é uma experiência que não coaduna com a minha subjetividade, não venho de uma experiência de domínio de nada. Há uma escolha semântica para verbalizar as suas experiências subjetivas. [...]. Quero a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário. Vou ao dicionário, sim, para acordá-las e levá-las para se movimentarem no texto. E quando não as tenho disponíveis, invento, aglutino umas às outras. Mas sei também que palavra alguma dá conta da vida. Entre o acontecimento e o dizer sobre ele, o escrever sobre ele, fica sempre um vazio. (EVARISTO, 2020, p. 37)

A autora, ao criar a palavra *escrevivência*, toca nestes mesmos pontos: cuidado; escrita; existência. Em *Ponciá Vicêncio*, a narradora reflete:

Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse um cotoco, ora com as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva. Todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava, ainda, significar as mutilações e as ausências, que também conformam um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem, contudo, se descuidar das mãos. Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de vir. (EVARISTO, 2017, p. 110).

O ato de fazer-escrita poeticamente pode consistir em ato de cuidado por compreender a possibilidade de um manusear da vida, como um olhar para o tempo e a abertura que somos de forma artesanal, nada técnica, costurando com zelo o que nos aparece. Retomando o que compreendemos por cuidado, temos que:

O Homem, ao dar-se conta de ser, de poder-ser, percebe que tem que dar conta de seu ser, ou seja, tem que dar conta de sua existência e, sobretudo, isto está sob sua responsabilidade. Assim, o Homem tem que “cuidar de ser”. Os homens tomam para seu cuidado tudo o que pertence à existência: o mundo, as coisas do mundo, os outros homens, si mesmos. Heidegger define como “cuidado” o habitar o mundo e construí-lo, preservar a vida biológica e atender suas necessidades, tratar de si mesmo e dos outros. É o “cuidado”

que torna significativas a vida e a existência humana. (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011, p. 251)

É também de cuidado que fala Clarice:

Sou uma pessoa muito ocupada: tomo conta do mundo. Todos os dias olho pelo terraço para o pedaço de praia com mar, e vejo às vezes que as espumas parecem mais brancas e que às vezes durante a noite as águas avançaram inquietas, vejo isso pela marca que as ondas deixaram na areia. Olho as amendoeiras de minha rua. Presto atenção se o céu de noite, antes de eu dormir e tomar conta do mundo em forma de sonho, se o céu de noite está estrelado e azul-marinho, porque em certas noites em vez de negro parece azul-marinho. O cosmos me dá muito trabalho [...]. Tomar conta do mundo exige também muita paciência: tenho que esperar pelo dia em que me apareça uma formiga. Paciência: observar as flores imperceptivelmente e lentamente se abrindo. (LISPECTOR, 1990, p. 65)

O “tomar conta do mundo” de Clarice se dá por meio da escrita, da cuidadora do movimento de desvelamento e velamento implicado no poético.

Temos, então, diversos trechos que colaboram com a nossa compreensão de como se dá o escrever em quem escreve. Em toda a sua potência, a poesia, segundo Gilberto Mendonça Teles (2017, p. 55), poeta e crítico literário brasileiro,

[...] mostra ao homem outros sentidos da existência, integra-o na plenitude da sua cultura, dá ênfase ao visível e escancara as janelas do invisível, amplia, portanto, o seu universo e lhe restitui a ilusão de sua divindade uma vez que lhe dá o poder da criação através da linguagem. Ela tem a força natural dos álisis – que apontam para um e, ao mesmo tempo, para outro lugar, quase sempre utópico; e tem, como a Sibila, o poder encantatório de nos fazer jogar com o sobrenatural. É por isso que os tiranos de todos os tempos e lugares temem os poetas e a poesia. E não é à toa que para Holderlin ela é ao mesmo tempo a mais inocente das ocupações e o mais perigoso de todos os bens.

Dessa forma, aproximamo-nos do desvelar de sentidos do escrever a partir de trechos de escritores sobre a própria escrita, permeando a discussão com elucidações fenomenológicas. Ilustrando a discussão com trechos de obras de Clarice Lispector, Fernando Pessoa e Conceição Evaristo, explicitamos que a escrita poética representa um relacionar-se com a linguagem de forma a não a dominar ou a compreender instrumentalmente, e sim como um desvelar da verdade própria das coisas, isto é, como a verdade-desvelamento que corresponde à liberdade de responder ao que vem ao encontro.

7.2. O escrever terapêutico

A partir das reflexões realizadas, ficamos com a pergunta: como podemos relacionar a escrita poética com a ideia – previamente elaborada no capítulo 6 – de uma experiência terapêutica?

Já sabemos que, quando nos referimos a algo terapêutico, não estamos, necessariamente, falando do processo de psicoterapia, e sim de uma ocasião favorável para aproximar-se de seu próprio existir. Como já explicitamos, falamos de terapêutico quando tocamos no que se refere à possibilidade de manifestação, abertura e ganho de campo de liberdade para deixar-ser o ente.

Retomando essa ideia, podemos nos valer de reflexões relacionadas à Psicologia Clínica – especificamente, aqui, a psicoterapia de orientação fenomenológico existencial – para contribuir com a nossa discussão e os seus paralelos em relação ao que acreditamos estar atrelado ao terapêutico da escrita poética. Isso porque, no campo da fenomenologia existencial, o aspecto terapêutico está mais explicitado na literatura relacionada à psicoterapia.

Não pretendemos comparar a escrita à clínica psicológica em seus potenciais terapêuticos ou – muito menos – oferecer uma substituição ao cuidado clínico psicoterapêutico. Gostaríamos, sim, de nos aproximar do aspecto terapêutico que se dá no escrever poético, dentro ou fora do contexto psicoterapêutico clínico. Para isso, utilizaremos trechos de trabalhos que explicitam o aspecto terapêutico da psicoterapia elaborado por autores que tomaram o tema como estudo.

Sapienza (2004, p. 26) foi certa ao afirmar: “Terapia é um pouco isto: possibilidade de dirigir um olhar diferente para a própria existência e, assim, reformular significados.” Podemos dizer isso da escrita poética, pois trata-se da possibilidade de uma aproximação diferente em relação ao próprio existir. Mas por que ela pode ser diferente? Diferente do que, afinal?

Buscando refletir sobre problemáticas e sofrimentos presentes na prática clínica, Safra (2004, p. 21) coloca que “[...] o inédito e o singular visitam, a cada dia, nossos consultórios, ensinando-nos novas maneiras de caminhar em direção à revelação da condição humana”. Isso nos diz que, em contexto privilegiado de contato com o próprio existir, aparece-nos o inesperado; aparece-nos a necessidade de novas aproximações, de formas outras – que não as cotidianas – de trilhar o caminho da

revelação do ser em todo o seu brilho, a caminho da liberdade de responder o que o encontra.

Refletimos, no item anterior (7.1) sobre a característica da escrita poética de estar disponível para o inesperado; o dizer poético é justamente o poder estar aberto e preparado para acolher o inesperado, como expõe Heidegger (2002). Poeticamente, podemos escrever como resposta ao que nos chega inesperadamente. Se Clarice Lispector (1999) nos diz que o escrever é o “[...] reflexo de uma coisa que pergunta” (LISPECTOR, 1999, p. 16), podemos pensar que este reflexo consiste no trabalhar com o inesperado, no universo da própria linguagem poética.

Sá (2017, p. 77) aponta que:

Pensar o sentido da clínica é desconstruir a ideia de aplicação de uma técnica já dada, de uma psicologia neutra que visa ajudar pessoas a atingirem objetivos pessoais. O espaço clínico busca acolher e sustentar a vida enquanto questionamento, enquanto produção narrativa de sentido. Em outras palavras, a clínica não fala pela vida, permite que ela fale por si mesma através dos fenômenos que aparecem e que não tem o caráter de verdade ou mentira, mas de possibilidades de sentido em jogo na abertura que constitui o espaço de diálogo clínico.

Esta fala muito nos diz sobre o que pode ser terapêutico dentro ou fora da clínica. Poderíamos, em nossa compreensão, substituir o que o autor chama de “espaço clínico” por “espaço terapêutico”, ou até assumir “clínica” como um espaço que não tradicionalmente relacionamos à psicoterapia, mas a um debruçar-se sobre a existência. Desconstruindo a ideia de cuidado como aplicação de técnicas, de atingir objetivos pré-delimitados, temos o cuidado terapêutico, que consiste no favorecer que aquilo de que se cuida retorne mais plenamente àquilo ao que lhe é próprio (SAPIENZA, 2004).

O cuidado ao qual nos referimos, o que mora na arte e no fazer poético, está no fazer artesanal, no sustento do não-objetivo, do não-controle.

Sustentar a vida como questionamento, como aponta Sá (2017), é permitir que ela fale por si mesma por meio dos fenômenos que aparecem como possibilidades de sentido. É isso o que defendemos ser essencial na escrita poética, e é justamente por isso que ela pode ser terapêutica: por oferecer um olhar outro em relação ao que nos é costumeiro em plena era da técnica.

Pompéia e Sapienza (2011) defendem que o que a terapia pode fazer por alguém é aproximá-lo da verdade da sua vida, isso é, de si mesmo, o que possibilita

a apropriação da sua história. Por pensar no ser humano em sua condição de *Dasein*, de ser-aí, aquele para quem todos os entes se manifestam, torna-se possível também considerar que ele possui uma destinação existencial que o distingue de todos os outros entes: ele é chamado a ser o poder-ser que ele é, e “[...] esse poder-ser não se limita a corresponder às solicitações feitas pela técnica, mas se abre para muito além disso”. (POMPÉIA; SAPIENZA, 2011, p. 131).

Nesse sentido, o terapêutico em jogo na terapia – e que podemos trazer para as nossas reflexões sobre a ideia de uma experiência terapêutica – seria a ampliação do campo de sentido da existência, considerando que, na abertura que o *Dasein* sempre é, é possível corresponder às solicitações de diversas formas. Aproximar-se da verdade de sua vida, afinal, é o que Heidegger coloca em suas reflexões sobre o sentido de *aletheia* – a verdade não como adequação da realidade com a ideia, e sim como movimentos de desvelamento e velamento, presentes na arte poética. Habitar poeticamente, como vimos, consiste em existir de acordo com a prevalência da verdade em sua essência.

Quando falamos do escrever como possibilidade de outro corresponder, podemos retomar as palavras de ordem do mundo da técnica: objetividade, pressa e controle. Quando falamos de uma escrita poética terapêutica, reconhecemos que ela não se encaixa nesses parâmetros que vigoram em nosso tempo. Ela não pretende ser objetiva; nada a beneficia ao ser apressada; não pretende algo controlar. É por isso que ela pode representar o que chamamos, aqui, como um “outro” aproximar-se da existência, representando um espaço privilegiado por ser distinto, favorecido, especial. Pompeia e Sapienza (2011) referem-se à terapia como “[...] um dos poucos contextos que possibilitam a um ser humano na atualidade o poder cuidar de certas questões humanas, que ultrapassam os parâmetros que caracterizam o mundo em que a técnica é soberana [...], porque ela “[...] não tem como ser uma técnica, não pretende ser uma técnica” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2011, p. 138) – e aí reside o seu caráter terapêutico. Por esse motivo, buscamos diferenciar a escrita poética de quaisquer outras escritas. Ela, assim como a psicoterapia à qual nos referimos, nunca poderia ser técnica.

Cabe colocarmos que, quando refletimos a partir do referencial fenomenológico e tematizamos o projeto técnico de lida com a existência, não pretendemos superá-lo

para propor outro. O falatório cotidiano é um discurso fixo e delimitado, o que não significa que seja propriamente negativo, e a poética, positiva. É pelo fato de a automatizada linguagem do falatório ser habitual que a linguagem poética pode romper e nos oferecer outra dimensão. Pretendemos, então, a partir da reflexão sobre o projeto técnico, ampliar a correspondência a outras possibilidades históricas que se anunciam nesse horizonte (SÁ, 2017).

Poeticamente, podemos buscar apreender o desconhecido no familiar, e, por meio da escrita, podemos escutar o que não se escuta no falatório, no cotidiano – inclusive o silêncio – em um colocar-se, debruçar-se, ampliar-se enquanto linguagem, dizendo até mesmo o que, cotidianamente, é indizível:

Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu. (LISPECTOR, 1998, p. 176).

Já Fernando Pessoa pondera que, ao escrever, contribui “[...] talvez para engrandecer o universo, porque quem, morrendo, deixa escrito um verso belo deixou mais ricos os céus e a terra e mais emotivamente misteriosa a razão de haver estrelas e gente”. (PESSOA, 1966, p. 98). Escrever pode aproximar-nos da incerteza, do reconhecer o mistério da existência. Essa aproximação, por sua vez, talvez permita experiências de apropriação da própria situação no mundo. Safra (2004, p. 24) elabora o que chama de fragilidade do *entre*, a que se coloca “[...] entre o dito e o indizível, entre o desvelar e o ocultar, entre o singular e o múltiplo, entre o encontro e a solidão, entre o claro e o escuro, entre o finito e o infinito, entre o viver e o morrer”. Esta angústia que brota no *entre* é a angústia que pode ser derramada no poético e tirar-nos do familiar.

O escrever poético encontra a abertura que se é a todo momento, mas que é velada e desvelada na linguagem que também a todo tempo somos. Para Roberto Juarroz (1998, p. 35), em *Poesia vertical*, “A poesia tende ao impossível, mas faz-nos possíveis”. *Dasein* é lançado no horizonte de suas possibilidades – esta é sua única certeza – e estas inúmeras possibilidades a todo tempo se articulam, realizando sua existência: a articulação de sentidos que constituem o mundo. Podemos compreender

o escrever poético como um tomar-conta dessas possibilidades articuladas, e, assim, como uma ampliação do poder-corresponder: eis seu caráter terapêutico.

Reafirmamos: é no âmbito da ampliação de correspondências, ou seja, de ampliação de liberdade, que a escrita poética pode encontrar seu espaço – isso porque compreendemos liberdade como liberdade de correspondência enquanto abertura de sentido em que se dá o ser-aí. (SÁ, 2017).

Em linguagem poética, a escrita consiste na possibilidade de colocar-se em outra referência de relação, até mesmo com a técnica: ao sairmos do falatório para adentrarmos a escrita poética, colocamo-nos em espaço privilegiado de elaboração deste horizonte, de abertura do poder-ser. Escrever pode representar, então, um processo de ampliação do campo de existência. Como haveria de não ser terapêutica a experiência de representar a aproximação e a compreensão do sentido das restrições de liberdade? Ao favorecer o desvelamento de possibilidades pertinentes a quem escreve, a escrita proporciona a aproximação de formas mais livres de realizar o próprio existir.

Seguramente, compreendemos que a escrita poética é uma experiência única, oportunidade especial e terapêutica. É o que acreditamos que tenha sentido Marguerite Duras, romancista e poetisa francesa, expoente da literatura do século XX na Europa, ao escrever que “A escrita chega como o vento, é nua, é de tinta, é a escrita, e passa como nada mais passa na vida, nada mais, exceto ela, a vida.” (DURAS, 2021, p. 64).

Se, como colocado por Robles (2022) e elaborado por nós no sexto capítulo, a “meta” do caminho terapêutico for o próprio caminho, Pessoa (1990, p. 95) nos prova que o caminho está sempre aí, desde que sejamos nós que estejamos caminhando:

Qualquer caminho leva a toda a parte.
Qualquer ponto é o centro do infinito.
E por isso, qualquer que seja a arte
De ir ou ficar, do nosso corpo ou espírito,
Tudo é estático e morto. Só a ilusão
Tem passado e futuro, e nela erramos.
Não há estrada senão na sensação
É só através de nós que caminhamos.

Tenhamos pra nós mesmos a verdade
De aceitar a ilusão como real
Sem dar crédito à sua realidade.
E, eternos viajantes, sem ideal
Salvo nunca parar, dentro de nós,
Consigamos a viagem sempre nada

Outros eternamente, e sempre sós;
 Nossa própria viagem é viajante e estrada.

Que importa que a verdade da nossa alma
 Seja ainda mentira, e nada seja
 A sensação, e essa certeza calma
 De nada haver, em nós ou fora, seja
 Inutilmente a nossa consciência?
 Faça-se a absurda viagem sem razão.
 Porque a única verdade é a consciência
 E a consciência é ainda uma ilusão.

E se há nisto um segredo e uma verdade
 Os deuses ou destinos que a demonstrem
 Do outro lado da realidade,
 Ou nunca a mostrem, se nada há que mostrem.
 O caminho é de âmbito maior
 Que a aparência visível do que está fora,
 Excede de todos nós o exterior
 Não para como as coisas, nem tem hora.

Ciência? Consciência? Pó que a estrada deixa
 E é a própria estrada, sem a estrada ser.
 É absurda a oração, absurda a queixa.
 Resignar(-se) é tão falso como ter.
 Coexistir? Com quem, se estamos sós?
 Quem sabe? Sabe o que é ou quem são?
 Quantos cabemos dentro em nós?
 Ir é ser. Não parar é ter razão.

Se “ir é ser”, concluímos: o escrever pode representar ocasião privilegiada para ser-desvelando-o-ser – um fazer terapêutico que conduz algo ao seu aparecimento.

Ao relacionarmos a escrita poética com o que se pode caracterizar como experiência terapêutica, temos que a escrita, ao favorecer o desvelamento de possibilidades pertinente a quem escreve, proporciona a aproximação de formas mais livres de realizar o próprio existir. Logo, escrever é experiência única. Compreendemos a escrita poética como oportunidade especial e, sim, terapêutica, por colocar-se em outra referência de relação com o ser das coisas, conduzindo-o ao seu aparecimento. Nesse caminho, escrevi:

Escrever-se é convite enquanto já é a própria festa
 Em palavras, chama o festejo em tom de velório
 e degusta da angústia em exclamações
 Na casa da linguagem, vê-se tudo o que pode
 e se encontra em dizeres o que não se sabia poder

Poeticamente, cria-se, na costura entre o que se descobre,
o sentir da amplitude de movimento entre as linhas
e do caminhar entre os entres
pelo obrigatório ver-se e esconder-se
do sempre obrigatório ser

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não sei se a arte nos deve salvar, mas tenho a certeza de que pode conduzir ao melhor que há em nós para que não nos desperdicemos na vida.

Valter Hugo Mãe.

Esta dissertação buscou explicitar o escrever poético e compreender como se dá seu potencial terapêutico. Ao longo do caminho, ao olhar para o fenômeno da linguagem valendo-se dela própria para algo iluminar, fui surpreendida por minha mecanicidade. Decerto, escrever um trabalho em linguagem acadêmica sobre o potencial da escrita é desafiador – assim como permitir-se alguma poesia em tempos de valorização da técnica. Ao perceber que poderia conceder-me a liberdade de sair dos moldes acadêmicos de referência, o trabalho concretizou-se como em uma metalinguagem: permitir colocar-me ao decorrer dele, ainda que em pequenas doses, concretizou o que considero uma aproximação do potencial da escrita à qual nos referimos durante todo o nosso percurso.

Por compreendermos a linguagem como muito mais do que um instrumento de representação da fala ou de pretensa realidade, característica do discurso metafísico, é que passa a ser possível refletir sobre um escrever poético terapêutico. Como vimos, a linguagem poética não é compromissada com a realidade fática, com a descrição neutra, com a comunicação plena. O escrever poético existe a partir da dimensão temporal do vir-a-ser: são as possibilidades (o devir) futuras que convocam e orientam o presente. Orientada por esse devir, a linguagem poética é uma possibilidade de (re)encantamento, desocultando o ser. O escrever que chamamos de terapêutico provoca a suspensão da divisão entre o dito e o não dito, cuida do mistério, onde é possível afastar-se dos confortos cotidianos e lançar-se em direção ao desassossego que nos aproxima da liberdade.

O escrever que aqui compreendemos ser terapêutico não é apenas a justaposição de palavras, de organização de semântica e sintaxe, de mecanicamente buscar um “fazer sentido”, como se faz cotidianamente ao objetivar uma boa comunicação ou representação. Defendemos ser terapêutico o escrever que consiste no deixar-ser, no escutar e ouvir o chamado à presença: esta escrita é, como vimos, uma ocasião privilegiada.

Para Heidegger, o mistério, que vimos ser preservado pela linguagem poética, é esquecido na banalidade cotidiana. Para distrairmo-nos da nossa condição, fugimos dele e nos dirigimos ao que nos dá a ilusão de possuímos algum controle, inclusive por meio da linguagem. Por essa dominância do esquecimento, nasce, por contraste, a possibilidade de outra relação: de lembrarmos-nos desse esquecimento, mantendo-nos abertos diante do inesperado, do espanto e de outro encanto. Inaugurar um caminho de pensamento livre em relação à técnica, como discutimos, não consiste em superá-la, já que não podemos nos colocar “fora” dela ou do pensamento metafísico. O que podemos é colocarmos-nos à disposição da possibilidade de uma outra relação linguística com o ser, e, no caso, desvelarmos a possibilidade de não reduzirmos a existência a algo passível de cálculo e de completo desencobrimento.

Talvez, escrever poeticamente seja um pouco isto: a oportunidade de estar suscetível ao espantar-se e, igualmente, ao encantar-se com o que se sabe que não se sabe. A experiência da arte como pôr-se em obra da verdade – e a da poesia como um revelar – mostra onde reside o que consideramos o caráter terapêutico da escrita, que consiste em ocasião privilegiada, muito privilegiada, para desvelar o ser, conduzi-lo ao próprio aparecimento, em seu próprio brilho. O poder de assumir o existir em direção à liberdade, para nós, não haveria como não ser terapêutico: assim como podemos fazer o escrever, o escrever pode nos fazer, principalmente se, em linguagem poética, colocarmos-nos diante da existência.

Artesanalmente, fora da lógica de controle, podemos escrever poeticamente, terapêuticamente. É artesanal o que se dá a cada vez: o que é único, humano, singular. Que o escrever possa ser feito como que com as mãos, sendo descoberto a cada vez com espanto, como nos diz Fernando Pessoa no poema “A espantosa realidade das coisas”:

A espantosa realidade das coisas
 É a minha descoberta de todos os dias.
 Cada coisa é o que é,
 E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
 E quanto isso me basta.
 Basta existir para se ser completo.

Tenho escrito bastantes poemas.
 Hei de escrever muitos mais, naturalmente.
 Cada poema meu diz isto,
 E todos os meus poemas são diferentes,
 Porque cada coisa que há é uma maneira de dizer isto.

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.
 Não me ponho a pensar se ela sente.
 Não me perco a chamar-lhe minha irmã.
 Mas gosto dela por ela ser uma pedra,
 Gosto dela porque ela não sente nada,
 Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

Outras vezes ouço passar o vento,
 E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto;
 Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem esforço,
 Nem ideia de outras pessoas a ouvir-me pensar;
 Porque o penso sem pensamentos,
 Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,
 E eu admirei-me, porque não julgava
 Que se me pudesse chamar qualquer coisa.
 Eu nem sequer sou poeta: vejo.
 Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho:
 O valor está ali, nos meus versos.
 Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.
 (PESSOA, 2012, p. 189)

Em cada escrever, como colocado pelo poeta, mora um modo forma diferente de algo dizer, de deixar-se – o vento, a pedra, o próprio ser – e aí mora o valor de cada escrita: na espantosa descoberta de todos os dias.

Este estudo se sustenta na esperança de que a escrita possa ser um dos modos de recuperação e de manutenção do encanto necessário para que a existência – ainda mais na contemporaneidade técnica – seja, a cada momento, livre em seu próprio responder de solicitações.

Por não podermos cuidar de toda a complexidade do fenômeno proposto, esperamos que este trabalho seja um convite para a experiência do escrever – possivelmente, inclusive, de escrever sobre o escrever. O existir, assim como a escrita, é movimento, e movimentar-se pode ser mais do que a corrida para algo produzir. Que nos movimentemos em direção a mais reflexões, permanecendo na difícil tarefa do estar-suscetível a experimentar a admiração e a estranheza implicadas no ter-que-ser.

REFERÊNCIAS

- AGUSTINI, C. L. H.; GRIGOLETTO, E. Escrita, alteridade e autoria em análise do discurso. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 145-156, 2008. DOI 10.12957/matraga. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27912>. Acesso em: 12 maio 2023.
- ALVES, R. B.; BRAGA, C. R. V.; CHATELARD, D. S. Fora do lugar: o estado “demasiadamente humano” de Edward Said. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 30, p. 1-9, 2019. DOI 10.1590/0103-6564e180041. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/rVTB7YvHRFjJWKS8hXVFMYM/?lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2023.
- BAIKIE, K.; WILHEIM, K. Emotional and physical health benefits of expressive writing. **Advances in Psychiatric Treatment**, Cambridge, v. 11, n. 5, p. 338-346, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1192/apt.11.5.338>. Acesso em: 2 maio 2023.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2023.
- BORGES-DUARTE, I. A afectividade no caminho fenomenológico heideggeriano. Lisboa, **Phainomenon - Revista de fenomenologia**, Lisboa, v. 24, p. 43-62, 2015. Disponível em: <http://phainomenon-journal.pt/index.php/phainomenon/article/view/308>. Acesso em: 17 maio 2023.
- BORGES-DUARTE, I. **Arte e técnica em Heidegger**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.
- BOSS, M. O caso da dra. Cobling. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 139-173, 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100008. Acesso em: 22 maio 2023.
- CARDINALLI, I. E. Contribuições do pensamento de Martin Heidegger para a psicologia fenomenológica existencial. In: MELO, F. F. S.; SANTOS, G. A. O. (org.) **Psicologia fenomenológica e existência: fundamentos filosóficos e campos de atuação**. Santana de Parnaíba: Manole, 2022.
- CARDINALLI, I. E. Heidegger: os estudos dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, p. 249-258, 2015. DOI 10.1590/0103-656420135013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/102402>. Acesso em: 13 maio 2023.
- CARDINALLI, I. E. **Transtorno do estresse pós-traumático: um estudo fenomenológico-existencial da violência urbana**. 2011. 145 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

Disponível em: <https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/15033>. Acesso em: 20 maio 2023.

CARDOSO, Á. A.; COIMBRA, C. M. B. Banzeirar: fazendo ribeirinhar certas práticas ditas de cuidado. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 31, p. 185-194, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/29027>. Acesso em: 12 maio 2023.

CLINI, M. M. **Contemplações entre arte e clínica**: por uma presença fenomenológico-hermenêutica. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-08082016-124840/publico/clini_corrigida.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.

CLINI, M. M. **Contemplações fenomenológicas entre arte e clínica**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

COLPO, M. **Pesquisa fenomenológica e hermenêutica**: cinema, arte e literatura. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

COUTINHO, I. **Carta de valter hugo mãe para a FLIP**. Publicado em 10 jul. 2011. Disponível em: <http://blogues.publico.pt/ciberescritas/2011/07/10/carta-de-valter-hugo-mae-para-a-flip/>. Acesso em: 24 jul. 2023.

D'ANGELO, L. B. *et al.* Performatividades de gênero em unidades prisionais femininas do Rio de Janeiro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, p. 44-59, 2018. DOI 10.1590/1982-3703000212199. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/vjYskbfzPH7mkKNcXmR8Tyc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2023.

DUARTE, A. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 129-158, jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000200004. Acesso em: 20 jun. 2023.

DURAS, M. **Escrever**. Traduzido por Luciente Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

DURAS, M.; COELHO, T. **Olhos azuis, cabelo preto**. Belo Horizonte: Relicário, 2002.

ERNAUX, A. **O jovem**. São Paulo: Fósforo, 2022.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. V. 1, p. 26-46, Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

EVARISTO, C. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras. Belo Horizonte: [s. n.], 2009.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**: (contos). Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FÉLIX-SILVA, A. V. *et al.* Psicologia da diferença, relações raciais e formação da(o) psicóloga(o). **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 42, 2022. DOI 10.1590/1982-3703003229977. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/83jpkXnXSWfDVw4nVrN4jLK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FISCHER, S. R. **História da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FOLLY, E. G. A escrita como performance e as cartas como método: carta às leitoras e leitores deste artigo. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São José del Rei, v. 15, n. 3, p. 1-15, 2020. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3580. Acesso em: 13 maio 2023.

FRANCESCHINI, E.; FONSECA, T. M. G. Arte e loucura como limiar para outra história. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 14-22, jan. 2017. DOI 10.1590/0103-656420160022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/130681>. Acesso em: 2 jun. 2023.

GURGEL, V. T.; KASTRUP, V. O processo de escrita literária e o co-engendramento da obra de arte e do autor. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 3, p. 1000-1020, 2019. DOI 10.5752/P.1678-9563.2019v25n3p1000-1020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/12917>. Acesso em: 5 jun. 2023.

HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte**. São Paulo: Edições 70, 2016.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão *et al.* Petrópolis, Vozes, 2002.

HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon (rev.)**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** (Sein und Zeit). Trad. revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback; Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2006.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad. Fausto Castilho. - Campinas, SP: Editorada Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

HERNÁNDEZ, J. de G.; GUILHON, F. L. A movimentação das palavras: devir-construção no feminino da escrita. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 31, p. 43-50, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5556>. Acesso em: 20 maio 2023.

JUARROZ, R.; SARAIVA, A. **Poesia vertical**. Madrid: Cátedra, 1998.

LAIA, S. Foucault: sua escrita, sua vida, e a psicanálise. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 360-370, 2018. DOI [10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p360-370](https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p360-370). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/18358>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **Água viva**. 11. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LISPECTOR, C. **Crônicas para jovens: de escrita e vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOGATTI, M. S. M. **Poesia e psicologia: um olhar poético sobre a postura terapêutica**. 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14972/1/Maria%20Silvia%20Motta%20Logatti.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

LOPARIC, Z. A linguagem objetificante de Kant e a linguagem não-objetificante de Heidegger. **Natureza humana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 9-27, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v6n1/v6n1a01.pdf>. Acesso em: 30 maio 2023.

MANDEL, L. **Escritas, espelho dos homens e das sociedades**. Rio de Janeiro, Rosari, 2006.

MARTINS, J. M.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia**. São Paulo: Moraes, 1994.

MARTINS, L. M.; CARVALHO, B.; DANGIÓ, M. C. S. O processo de alfabetização: da pré-história da escrita a escrita simbólica. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 337-346, maio 2018. DOI [10.1590/2175-35392018018976](https://doi.org/10.1590/2175-35392018018976). Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/sNtXNMtyt4MvF7hW8zKTR4c/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 30 maio 2023.

NUNES, B. Heidegger and poetry. **Natureza humana**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 103-127, 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v2n1/v2n1a04.pdf>.

Acesso em: 20 maio 2023.

NUNES, B. **Hermenêutica e poesia**: o pensamento poético. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

NUNES, B. **Passagem para o poético**: filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1992.

OLIVEIRA, É. C. S. *et al.* “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 31, p. 179-184, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/29043>. Acesso em: 2 maio 2023.

OLIVEIRA, T. dos S.; SILVA, L. L. da. Habitar-compôr um método: políticas de pesquisa e de escrita em Psicologia. **Pesquisas e práticas psicossociais**, São João del Rei, v. 15, n. 3, p. 1-13, set. 2020. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000300011. Acesso em: 20 maio 2023.

PENNEBAKER, J. W.; BEALL, S. K. Confronting a traumatic event: toward an understanding of inhibition and disease. **Journal of Abnormal Psychology**, 95, p. 274-281, 1986. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0021-843X.95.3.274>. Acesso em: 20 maio 2023.

PESSOA, F. **Alguma prosa**. Organização de Cleonice Berardinelli. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

PESSOA, F. **Antologia poética**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.

PESSOA, F. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995.

PESSOA, F. **Obras em Prosa**. Organização de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

PESSOA, F. **Obras poéticas**. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. 3. ed. 17. reimp. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

PESSOA, F. **Páginas íntimas e de auto-interpretação**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, [1966].

PESSOA, F. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

PESSOA, F. **Poesia completa de Alberto Caeiro**. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. São Paulo: Companhia de Bolso; Companhia das Letras, 2005.

PESSOA, F. **Pessoa por conhecer**: textos para um novo mapa. São Paulo: Estampa, 1990.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Os dois nascimentos do homem**: escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

POMPEIA, J. Arte e existência. **Revista Daseinsanalyse**, São Paulo: n. 8, p. 42-51, 1997.

PUCHNER, M. **O mundo da escrita**: como a literatura transformou a civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

REZENDE, J. M. de. Terapia, terapêutica, tratamento. **Revista de Patologia Tropical**, Goiânia, v. 39, n. 2, p. 149-150, 2010. DOI 10.5216/rpt.v39i2.10734. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/iptsp/article/view/10734>. Acesso em: 7 jun. 2023.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Globo, 2001.

ROBLES, Y. A. M. A clínica existencial. In: MELO, F. F. S.; SANTOS, G. A. O. (org.). **Psicologia fenomenológica e existencial**: fundamentos filosóficos e campos de atuação. Santana de Parnaíba: Manole, 2022.

ROSA, J. G. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V. 2.

SÁ, R. N. A noção heideggeriana de cuidado (Sorge) e a clínica psicoterápica. **Veritas**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 259-266, 2000. DOI [10.15448/1984-6746.2000.2.35062](https://doi.org/10.15448/1984-6746.2000.2.35062). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/35062>. Acesso em: 20 maio 2023.

SÁ, R. N. **Para além da técnica**: ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

SAFRA, G. **A po-ética na clínica contemporânea**. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

SAPIENZA, B. T. **Conversa sobre terapia**. São Paulo: Educ, 2004.

SILVA, J. G. L. da; SILVA, T. J. de F. da. As vozes do escrito: sobre leitura e escrita. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 29, n. 3, p. 231-238, set. 2017. DOI [10.22409/1984-0292/v29i3/1203](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i3/1203). Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/NFz9Q3tfzM7VrHxs48CZCMN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2023.

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 637-644, 2010. Disponível em:

<https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-abordagem-proibicionista-em-desconstrucao-compreensao-fenomenologica-existencial-do-uso-de-drogas/1193?id=1193>. Acesso em: 19 maio 2023.

SODELLI, M.; SODELLI-TEODORO, A. Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 245-272, 2011. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/10343/7722>. Acesso em: 11 jun. 2023.

TAVARES, A. D. M. *et al.* Delirar a realidade: por uma escrita antimanicomial.

Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 653-673, 2021. DOI [10.12957/epp.2021.61062](https://doi.org/10.12957/epp.2021.61062). Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v21n2/v21n2a15.pdf>. Acesso em: 4 maio 2023.

TELES, G. M. **Lirismo rural**: o Sereno do cerrado. Rio de Janeiro: Batel, 2017.

XAVIER, M. P.; MARTINS, A. C. B. Leão. Respondências: análises (online) em confinamento. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 33, 2022. DOI [10.1590/0103-6564e200096](https://doi.org/10.1590/0103-6564e200096). Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/202710>. Acesso em: 17 maio 2023.

YUSUF, Y.; TOROSSIAN, S. D. Travessias entre litorais: proposições para a saúde mental em Moçambique. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, 2020. DOI [10.1590/1807-0310/2020v32213843](https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32213843). Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/YbfmrynvW9SDPQJS58Qc4g/>. Acesso em: 20 maio 2023.

ZAMBRA, A. **Formas de voltar para casa**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ZANELLO, V. A linguagem poética em Heidegger. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 18, n. 35/36, p. 279-310, jan./dez. 2004. DOI

[10.14393/REVEDFIL.v18n35/36a2004-595](https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v18n35/36a2004-595). Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/595>. Acesso em: 10 maio 2023.

ZONTA, G. A.; ZANELLA, A. V. Escrita criativa e autoral entre universitários/as:

relações estéticas e bivocalidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, 2021.

DOI [10.1590/2175-35392021226634](https://doi.org/10.1590/2175-35392021226634). Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pee/a/DfRZcGPn9F5RQYDqTcVn7BP/abstract/?lang=pt>.
Acesso em: 20 maio 2023.